

VIAGEM PELO BRASIL

VON SPIX E VON MARTIUS

1817

S. PAULO

1940

VIAGEM PELO BRASIL

VON SPIX E VON MARTIUS

1817

APRESENTAÇÃO DE HERBERT BALDUS

TIRAGEM ESPECIAL DA
"REVISTA DO ARQUIVO"

Nº 5

Desta edição das gravuras da "VIAGEM PELO BRASIL" de von SPIX e von MARTIUS, publicadas fora de texto nos volumes LI a LXII da "Revista do Arquivo" do Departamento de Cultura, tirou-se uma separata de 100 exemplares, sendo numerados, de 1 a 25, os exemplares impressos em papel couché de 50 quilos e, de 26 a 100, os impressos em papel couché de 30 quilos.

S. PAULO

1940

A VIAGEM PELO BRASIL DE SPIX E MARTIUS

Indubitavelmente houve poucos casamentos de tão benéficos resultados para a ciência quanto o da arquiduquesa Carolina José Leopoldina e o príncipe herdeiro de Portugal. Não quero, porém, comparar Dom Pedro a um de seus homônimos mais ilustres: Pierre Curie, que em colaboração com sua esposa descobriu o radium e o polonium. O futuro imperador do Brasil não passou de uma das causas indiretas de eminentes contribuições ao tesouro do saber humano. Foi simplesmente o fato dêle tornar-se noivo da augusta dama austriaca que encaminhou a conquista científica de uma grande parte do continente sulamericano. A côrte de Viena aproveitou as núpcias de Carolina Leopoldina para enviar ao Novo Mundo uma falange de sábios. Embarcaram no navio da princesa o botânico Pohl, de Praga, e o mineralogista Rochus Schüech, de Troppau, o naturalista italiano Radi e os desenhistas Frick e Johann Buchberger. Em duas outras embarcações viajaram o zoólogo Johann Natterer, o jardineiro imperial Schott, o monteiro-mor da côrte Sochor e o pintor Thomas Ender, todos quatro de Viena; além dêles, o entomologista Mikan, de Praga, e dois cientistas mandados pelo rei da Bavária para estudar, principalmente, a fauna e a flora do Brasil.

A fragata "Aústria" que conduziu êsses dois homens de Munich — um se chamava Spix e o outro

Martius — aportou ao Rio de Janeiro no dia 14 de Julho de 1817. Durante os três anos seguintes, Spix e Martius percorreram as províncias de São Paulo e Minas, chegando até os limites de Goiaz, visitaram a Baía, uma parte da província de Pernambuco, Piauí e Maranhão, e subiram, enfim, o Amazonas.

Dessa viagem levaram para Munich, além de objetos etnográficos, enorme quantidade de espécies animais e vegetais, a saber: 85 de mamíferos, 350 de aves, 130 de anfíbios, 116 de peixes, 2700 de insetos, 80 de aracnóides, 80 de crustáceos e 6500 de plantas. Mas da safra científica desta expedição vale mais do que tudo principalmente para nós hodiernos, a sua descrição, em palavras e desenhos.

Nos anos de 1823 a 1831 apareceram, em Munich, os três volumes monumentais da **Reise in Brasilien**. É esta obra uma das fontes mais ricas da história natural e cultural do Brasil. Uma versão inglesa saiu em Londres, em 1824, sob o título **Travels in Brazil**. Até há pouco, em língua portuguesa existiam somente certas partes dessa obra, assim o trecho descritivo da viagem em terras paulistas, traduzido por João Wetter e pelo autor destas linhas, e inserto na "Revista do Museu Paulista", tomo XVI, págs. 117 a 210, São Paulo, 1929; e a narração da passagem dos dois naturalistas pela Baía, vertida por Pirajá da Silva e Paulo Wolf e publicada, já em terceira edição, na série Brasileira, da Companhia Editora Nacional, volume 118. Foi em 1938 que apareceu, no Rio de Janeiro, em comemoração ao centenário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a obra integral, traduzida por Lúcia Furquim Lahmeyer, anotada por Basílio de Magalhães e intitulada **Viagem pelo Brasil**.

A clássica narrativa da expedição de Spix e Martius é acompanhada por uma coleção de canções índias e neo-brasileiras e por outra de gravuras cuja

explicação se encontra no fim ou começo dos correspondentes volumes. Em muitas delas o valor artístico rivaliza com a importância documentária. Assim as magníficas paisagens da Vila de Cachoeira e da Vila Velha; da Lagoa dos Pássaros e do Córrego Seco; da Serra dos Montes Altos e da Serra do Hambé; de Araraquara; do Rio de Janeiro e do Hospício da Mãe dos Homens. Assim as cenas da vida popular contemporânea, vendo-se o comportamento dos brancos e pretos na viagem do sertanejo em Piauí; no grupo burlesco, no Rio; na Festa da Rainha, em Minas; no passeio de cadeirinha, na Baía; entre os garimpeiros em Currálinho; no batuque em São Paulo. Os costumes dos índios aparecem nas representações da dança dos Puri, da mascarada dos Tecuna, da festa de bebida entre os Coroados e da dança guerreira dos Juri.

O valor etnográfico, que foi a causa destas últimas gravuras terem sido reproduzidas já inúmeras vezes — a dos Juri, por exemplo, pela demonstração do uso do escudo por essa tribo — predomina nas figuras dos Mundurucú com a sua tatuagem, a cabeça-troféu e o adorno de penas; do Coeruna com diadema; do Arara com enfeite no septo perfurado do nariz; do Botocudo com os adornos auricular e labial cuja forma sugeriu aos portugueses a denominação dessa tribo.

Documento precioso de determinado estágio do processo de fusão racial e cultural de índios e brancos é o retrato da mameluca da Província de São Paulo, tão bem caracterizada com o seu toucado, os olhos de amêndoa, o nariz um pouco largo, o enorme bócio revelando endemia e adornado com o distintivo da religião cristã, o vestido lembrando, pela forma de camisa, o tipo de certas índias e das paraguaias, os pés descalços, as mãos entregues a uma das suas funções principais, à fiação,

e isto com um fuso que, como o vestido em relação ao tipo, também já mostra desenvolvimento em relação ao fuso dos habitantes precolumbianos desta terra pelo fato de ter duas mainças em vez de uma.

Digno companheiro dêste retrato é o da cafusa paulista com a cabeleira exuberante, segurando graciosamente o elegante cachimbo e descobrindo a sua clavícula o suficiente para fazer presentir aos curiosos o atrativo dos seios.

Não queremos hoje, depois de tantos anos, averiguar, até que ponto aquêles que publicaram tamanho encanto, estiveram entre ditos curiosos. Digo: "Não queremos", pois tal discreção é sempre formalística. Confesso, porém, que, mesmo querendo, não o poderíamos. Faltam indícios reveladores das sensações que, nos primeiros decênios do século passado, dois jovens cientistas alemães experimentaram ao ver uma moça de outra raça, ou melhor, de outras raças, pois a cafusa é mistura de índio e negro. Essa ausência de informações é lamentável para todos que procuram estudar a psique de um povo em diferentes épocas e a das raças em geral.

Contentamo-nos, então, com dados oficiais e com alguns juízos acêrca daquilo que Spix e Martius nos deixaram.

O zoólogo Johann Baptist von Spix nasceu em 1781 e faleceu em 1826. Devido à sua morte prematura não pôde descrever cientificamente todos os animais que colecionou no Brasil, mas apenas boa parte dêles, principalmente em mamíferos, aves e anfíbios. Agassiz e outros afamados especialistas acabaram o que êle começou. Na redação da **Reise in Brasilien**, Spix participou só no primeiro volume.

O botânico Carl Friedrich Philipp von Martius nasceu em 1794 e faleceu em 1868. Apesar de parte de seus antepassados ter vindo da Itália, êle se apresenta como modelo perfeito do cientista e fun-

cionário público alemão do século XIX. Era um representante típico da classe média cujo espírito se dilatou nessa época até, por fim, dominá-la. Burguês correto, diligente, leal, obediente aos superiores, devoto e sentimental. Como monumento de sua devoção está na Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Santarém o crucifixo em tamanho natural, por êle remetido em cumprimento a promessa feita, quando em perigo de morrer afogado nas ondas do Amazonas perto dessa cidade. Documentos de seu sentimentalismo, tão alemão, tão burguês, tão produto daquele tempo que era o do romantismo, não são somente certas cartas a amigos, mas também poesias que o naturalista nos deixou, versos num estilo empolado, enuviados de misticismo. Esse espírito nos parece hoje, às vezes, um pouco falso. A mesma impressão dão alguns trechos dos livros de Martius, principalmente quando manifesta a sua compaixão pelos índios que tratou, em outros lugares, com aparente antipatia, generalizando injustamente juízos desdenhosos a respeito e não se afastando da estreiteza de preconceitos dos seus coevos brancos.

Essa dependência do costumado ambiente social e cultural mostra-se por todo o trilha retilíneo que representa a vida de Martius. Pelo que sabemos, não houve extravagâncias e nem ziguezagues no longo caminho em que o naturalista, seguindo as inclinações científicas de seu pai, se tornou, primeiramente funcionário público na qualidade de adjunto do diretor do Jardim Botânico de Munich, e empreendeu, depois, a grande viagem, dedicando os restantes quarenta e oito anos até morrer, quase exclusivamente à elaboração dos resultados obtidos na excursão ao Brasil. Como Ernst Wilhelm Martius, farmacêutico e professor da Escola de Farmácia de Erlangen, vivendo no meio de receitas e pilu-

las, de médicos e doentes, seu filho Carl Friedrich Philipp foi encaminhado, automaticamente, para a Escola de Medicina do mesmo lugar, cidade essa na qual êle também nascera. E tendo o pai tanto interesse pelo estudo da flora que chegou a fundar uma sociedade de botânica, seu descendente, como doutorando em medicina, apresentou a tese intitulada **Plantarum horti academici Erlangensi enumerativo**.

A compilação desta lista de vegetais já revela no rapaz de vinte anos as tendências que iriam influir em toda a sua vida futura, a saber, tendências para as enumerações e classificações em geral e para a enumeração e classificação, principalmente, de plantas. Prova disso são as suas obras mais importantes, as **Nova genera et species plantarum etc.**, Monachii, 1823-1832, a **Historia naturalis Palmarum**, Monachii, 1823-1850, e a **Flora Brasiliensis**, Vindobonae et Lipsiae, 1840-1906.

Alph. de Candolle, na sua "Notice sur la vie et les ouvrages de M. de Martius" (tiré de la Bibliothèque Universelle de Genève, janvier 1856), considera a **História natural das palmeiras** a obra em que Martius "s'est, on peut dire, personnifié, celui qui convenait le mieux à ses goûts et à son genre de talent, celui dans lequel il a le plus travaillé lui-même et qu'il a achevé après vingt huit ans d'efforts".

A **Flora Brasiliensis**, no dizer do eminente botânico brasileiro F. C. Hoehne ("O primeiro centenário do início da publicação da Flora Brasiliensis de von Martius", Revista dos Amigos da Flora Brasileira, I, São Paulo, 1940) "a maior obra que até aos nossos dias tem sido redigida e publicada sobre a flora de um país", evidencia, antes de tudo, o gênio organizador do naturalista bávaro. Teve êle a idéia desse monumento científico e realizou seu plano arranjando dinheiro e colaboradores. Assim, ses-

senta e cinco especialistas de nove países diferentes, a saber, trinta e oito alemães, sete austríacos, cinco suíços, cinco ingleses, quatro franceses, dois belgas, dois dinamarqueses, um holandês e um húngaro, descreveram em 20.733 páginas in fôlio, acompanhadas por 3.811 pranchas de página inteira, 2.253 gêneros (dos quais 160 novos), 22.767 espécies (das quais 5.689 novas, sendo delas 19.629 do território brasileiro e 3.138 das regiões confinantes ou asselvajadas aqui), das quais 6.246 estão reproduzidas em desenhos em tamanho natural.

Acêrca do valor científico atual da **Flora Brasiliensis** escreve o dr. Hoehne (o.c.): "Tendo levado 66 anos para ser completada, a **Flora Brasiliensis** já podia ser considerada obra antiquada ao aparecer seu último fascículo, em 1906, e, se somarmos a isto os anos de lá para cá, temos que mais 34 são decorridos, o que dá também aos últimos volumes uma idade que bem reclama uma revisão. Revisão, sim, porque, em assuntos de botânica, tudo envelhece bem depressa. . . Poderão as monografias expostas na **Flora Brasiliensis** satisfazer as necessidades da botânica? É claro que não, porque não podem mais inspirar confiança. Muitas espécies descritas na obra em apreço também não estão bem distinguidas porque foram, muitas vêzes, baseadas em material escasso e aquêles que elaboraram as diagnoses o fizeram de acôrdo com as necessidades da época em que viveram e hoje bem diferente é a nossa exigência nesse sentido. Terá, porém, a **Flora Brasiliensis** perdido o seu valor pelo fato de estar antiquada? De modo algum. Ela sempre será necessária, sempre será útil e seu valor bibliográfico e histórico hoje é maior do que foi na época em que apareceu".

Esse juízo de Hoehne sôbre a **Flora Brasiliensis** também poderia referir-se, *mutatis mutandis*, aos tra-

balhos que Martius escreveu sobre os índios do Brasil. Mas como sua crítica não impede o botânico de São Paulo de chamar seu predecessor de Munich “o Príncipe dos Botânicos depois do grande Carlos de Linneu” (Hoehne, *o.c.*), assim a constatação das deficiências dos estudos etnográficos do célebre viajante não será obstáculo para denominá-lo o fundador da etnografia brasileira.

Considerando o fato de Martius ter sido formado em medicina, não é de estranhar seja, entre suas publicações sobre os índios, a melhor ou, pelo menos, a mais completa no gênero, até hoje aquela que, intitulada “Das Naturell, die Krankheiten, das Arzthum und die Heilmittel der Urbewohner Brasiliens”, apareceu em 1844, em Munich, no tomo 33 de “Buchners Repertorium für die Pharmacie”. Em 1939, no volume 154 da série Brasiliana da Companhia Editora Nacional, saiu em São Paulo a edição portuguesa desta obra sob o título **Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros**, traduzida, prefaciada e anotada magistralmente por Pirajá da Silva.

Muitas idéias médicas e etnológicas aqui expostas por Martius são produtos típicos de sua época e, atualmente, abandonadas pela ciência. Apesar disso, este trabalho é, como todos os outros estudos indianistas do sábio bávaro, um manancial inesgotável de valiosas observações, se bem que mostre, como os demais, as características aptidões e defeitos do autor, isto é, ótimo sistematizador e péssimo psicólogo. Como naqueles estudos, também aqui Martius se perde nas generalizações mais absurdas quando trata da mentalidade dos índios. Se ele afirma, repetidas vezes, por exemplo, o predomínio da melancolia no temperamento do índio em geral, denuncia com isso que só observou índios mais ou menos dominados por influências dos brancos e nun-

ca conviveu com uma tribo completamente independente, o tempo necessário para vê-la em tôda sua naturalidade.

Há, nessa obra etnomédica, também algumas páginas sôbre plantas medicinais cujo complemento é, de certa maneira, o livrinho já antes publicado por Martius sob o título *Systema materiae medicae vegetabilis brasiliensis*, Lipsiae, 1843. Sua versão portuguesa é de Henrique Velloso d'Oliveira e apareceu no Rio de Janeiro, em 1854.

O interêsse demonstrado pelos caracteres somáticos dos índios e pelas suas doenças evidencia-se também nas gravuras que acompanham a **Reise in Brasilien**. Assim, o retrato do Coroado com o cabelo negro, liso e não sem certo brilho, com os olhos mongolóides, malares salientes, nariz aguileinho e prognatismo representa valiosa contribuição para a antropologia física daquele tempo; não menos preciosa, para a medicina de então, a figura do remador com o purú-purú, dermatose tão espalhada entre os índios da Amazônia.

Maior em tamanho e mais conhecida do que aquêlê estudo sôbre as doenças é a obra que Martius publicou em 1867, em Leipzig, sob o título **Beitraege zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens**. Consiste em dois tomos em oitavo grande, tratando as 802 páginas do primeiro, de etnografia, e as 548 do segundo, de linguística.

Nada prova melhor a importância da orientação sociológica e psicológica dos etnólogos modernos do que uma confrontação dêles com o autor dêsses ensaios. Assim, Martius disse do índio em geral, por exemplo, no tomo primeiro, página 40: "E' êle um sonhador indolente, cabeçudo e bravio, ela uma namoradeira frívola", e, na página 43: "Êle é, ao mesmo tempo, criança impúbere e, na

sua incapacidade de evoluir, ancião entorpecido, reunindo em si os polos opostos da vida espiritual”.

Nós, hodiernos, recusamos tais juízos sumários, pois investigações mais detalhadas nos revelaram as enormes diferenças das tribus e dos indivíduos. Martius, por sua parte, frisa, nas páginas 2 e 46 do mesmo volume, a homogeneidade física e psíquica dos índios e a uniformidade de seus costumes com a qual, segundo êle, contrasta somente a variedade das numerosas línguas. Essa igualação de índios com índios o leva, comparando-os com os outros homens, ao extremo oposto, isto é, a julgá-los unidade tão isolada e particular que, no dizer dêle, seria conveniênte evitar, a seu respeito, o têrmo raça, substituindo-o por “humanidade americana”.

Hoje sabemos que não temos menos em comum com os índios do que com os povos naturais de outras partes do mundo. Sabemos, também, não serem os contrastes físicos e psíquicos e, com isso, culturais, entre duas tribus vizinhas como, por exemplo, os Borôro e os Guató, ou os Canela e os Guajajara, menores do que entre duas etnias, aliás incomparáveis com elas, como os franceses e os alemães. Sabemos, por fim, que numa aldeia de índios há diferenças tão grandes entre os habitantes como numa aldeia européia.

Como podemos explicar tal superficialidade num homem do valor intelectual de Martius? Há a considerar que suas mencionadas tendências para enumerar e classificar foram fomentadas por necessidades próprias da fase em que, então, se achavam as pesquisas sobre os índios do Brasil. O desenvolvimento do saber humano se processa em interação contínua da generalização com a especialização, da tipização com a individualização, a procura da lei e a constatação do acontecimento. Tam-

bém a etnologia funciona com esta reciprocidade. Há, nela, as investigações chamadas extensivas que tentam abranger, sinóticamente, o maior número possível de etnias, com o fim de agrupá-las segundo suas diferenças e semelhanças, e há, por outro lado, o chamado trabalho intensivo, produzindo as monografias que tratam, cada uma, somente de determinada tribu. Na discussão de certos problemas, seja os do contacto intertribal, seja os da crença num ente supremo, os estudos da primeira espécie, baseando-se na quantidade dos casos etnicamente diversos, procuram encontrar regras gerais, ao passo que os estudos "intensivos", encarando a qualidade de um único caso, pretendem aumentar o nosso conhecimento das variedades e modalidades do comportamento humano. A disposição inata e a influência do ambiente levam os cientistas a preferirem êste ou aquêlo ponto-de-vista. E' verdade que não faltam etnólogos como, por exemplo, Richard Thurnwald, que apresentam perfeita bilateralidade nesse sentido. Muitos, porém, conservam-se tôda a vida na mesma atitude como, por exemplo, aquêles gigantes do trabalho "extensivo" que são James G. Frazer e o padre Wilhelm Schmidt.

A primeira grande publicação a respeito dos índios do Brasil foi um trabalho "intensivo", a saber, a monografia de Hans Staden sôbre os Tupinambá. O livro de Thevet aparecido no mesmo ano, isto é, em 1557, tem valor etnológico tão reduzido que não pode ser equiparado a aquela.

Por outro lado, as necessidades da atual fase da etnologia brasileira exigem, de novo, trabalhos "intensivos" como, por exemplo, as recentes obras de Koch-Grünberg sôbre os Taulipáng e de Ni-muendajú sôbre os Apinayé.

Tudo isso, porém, não diminue a importância que tiveram para o desenvolvimento dos estudos

indianistas os trabalhos “extensivos” desde as pesquisas de Martius até as investigações há pouco realizadas por Nordenskiöld e Métraux.

E' verdade que também Staden já não se limita a falar em uma tribo só, mas menciona, além dela, sete outras. E' verdade que autores posteriores, porém ainda do mesmo século XVI, como Gabriel Soares de Souza e Fernão Cardim, já tratam de um número muito elevado de tribus índias do Brasil, considerando, também, as semelhanças e diferenças de suas linguas. Mas devemos admitir que antes de Martius as classificações desses povos naturais não passavam daquilo que já Simão de Vasconcellos, na sua **Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil**, Lisboa, 1663, exprimiu com as palavras seguintes:

“As nações dos Indios do Brasil todo, reduzem alguns a tres: Topayaras, Potigouares, Tapuyas: outros a quatro, acrescentando a estas a de Tupinambás; outros a cinco, acrescentando mais a de Tamoyos: outros a seis, acrescentando a de Carijós. Porém eu fazendo com curiosidade diligencia por varios escritos de antigos, e pessoas de experiencia entre os Indios, com mais propriedade julgo, que toda esta gente se deve reduzir a duas nações genericas, ou a dous generos de nações sómente, as quaes se dividão depois em suas especies na maneira seguinte. Todos os Indios quantos ha no Brasil, vemos que se reduzem a Indios mansos, e Indios bravos. Mansos chamamos, aos que com algum modo de républica (ainda que tosca) são mais trataveis, perseveraveis entre os Portugueses, deixando-se instruir, e cultivar.

Chamamos bravos, pelo contrario, aos que vivem sem modo algum de républica, são intrataveis, e com difficuldade se deixão instruir. Aquella nação generica de Indios mansos divide-se em algumas especies e a principal comprehende todos os bandos, ou ranchos de semelhantes Indios, que correm ordinariamente a costa do Brasil, e fallão aquella lingua commum, de que compoz a Arte Universal o Padre Joseph de Anchieta, da Companhia de Jesu, como são Tobayarás, Tupís, Tupinambás, Tupinaquís, Tupigoães, Tumiminós, Amoigpyras, Araboyarás, Rariguoáras, Poligoáres, Tamoyos, Carijós, e outras quaesquer que houver da mesma lingua. Todas tenho que fazem só huma especie, ou nação especifica, posto que accidentalmente diversas, em lugares, e ranchos. A outra especie he de Goyanás, Indios que tambem se contão entre os mansos, mas differente lingua, são dos mais trataveis, e habitão pera a ultima parte do Sul, fronteiros aos Carijós, e contrarios seus. Outras especies muitas ha d'estes Indios pelo sertão dentro, especialmente pelo Rio das Almazonas acima de homens não só nas linguas, mas na côr, feitio, e costumes diversos, mas gente mansa, e tratavel. A outra nação generica, he de Tapuyas. Desta affirmão muitos, que comprehende debaixo de si perto de hum cento de linguas differentes; e por conseguinte outras tantas especies: a saber, Aymorés, Pontentús, Guaitacás, Guarámomis, Goarégoarés, Jeçaruçús, Amanipaqués, Payeás: seria cansar contar todas. Esta repartição que faço, he conforme ao

uso das gentes, entre as quaes não se chama nação diversa, a que não tem diversa lingua, nem basta diversa região, nem diverso tratto, nem diverso Principe”. (pag. LXXXIX e XC da segunda edição, Lisboa, 1865).

Vasconcellos apresenta, com isso, e continua a expor, nas páginas seguintes de seu livro, uma classificação baseada na linguística que reduz os índios do Brasil a dois grupos. É o grande mérito de Martius ter eliminado, finalmente, essa tóscia divisão em Tupí e Tapuia que, durante centenas de anos, documentava a quase geral e tradicional ausência de interesses não-materiais dos portugueses pelos índios. Principalmente as grandes viagens que alemães, austríacos e franceses como Spix e Martius, Eschwege, o Príncipe Maximiliano de Wied, Natterer, Schott, Pohl, Saint-Hilaire, Castelnau e outros realizaram na primeira metade do século passado, contribuíram para aumentar o cabedal dos conhecimentos etnográficos do interior do Brasil a tal ponto que a coordenação mais ampla e a diferenciação mais exata desse material se tornaram possíveis e, com isso, cientificamente necessárias. Estabelecendo os oito grupos linguísticos dos Tupí, Gê, Guck, Cren, Pareci, Goyatá, Aruac e Guaicurú, Martius tentou satisfazer essa necessidade. Podemos chamá-lo fundador da etnografia brasileira por ter sido o primeiro a dar uma sinópsis etnográfica, não somente duma faixa mais ou menos larga do litoral, como fizeram seus predecessores, mas do Brasil inteiro, considerando condignamente também as tribus até então tratadas de Tapuia, investigando “extensivamente”, além das línguas, numerosos outros aspectos sociais e culturais, e abrindo, com tudo isso, os alicerces para o estudo científico das populações índias deste vasto país.

Seja mencionado, ainda, que o caráter “extensivo” de seus trabalhos etnográficos não corresponde somente à inclinação pessoal de Martius e às exigências da etnologia daquele tempo, mas também ao gênero de sua expedição cujo objetivo principal era descobrir novas espécies vegetais e animais e percorrer, para isso, as maiores distâncias possíveis.

Assim podemos dizer, em resumo, que vários fatores cooperaram para fazer de Martius o primeiro grande sistematizador da etnografia brasileira, sendo a sua mencionada superficialidade produto dessa orientação intelectual. Pois a formação de grupos, não há dúvida, define melhor o todo, mas sua natureza esquemática exige ocultação de detalhes. Martius dividiu os índios em grupos linguísticos, determinando-os, assim, melhor, na sua totalidade. Distinguiu-os, por outro lado, do resto dos homens, assim definindo melhor, também, toda a humanidade. Mas para estabelecer essas classificações foi preciso exagerar certas diferenças e ignorar outras, isto é, ocultar detalhes, apesar da mencionada investigação “extensiva” de numerosos aspectos sociais e culturais.

Após essa tentativa de explicar a deficiência de psicologia nas citadas frases do sábio bávaro, é mister tornar compreensível o péssimo conceito que elas dão do índio. Devemos lembrar o que acima dissemos sobre a afirmação de predominar a melancolia no temperamento do índio em geral. Também Roquete Pinto (apud Spix e Martius: **Viagem pelo Brasil**, volume I, pág. IX) alega a esse respeito que Martius “só conheceu tribus moralmente aviltadas pelo contágio de maus costumes que entre civilizados se cultivam”.

Além disso, as gravuras que acompanham a **Reise in Brasilien** mostram a existência de pêlos de barba e sobrancelhas em índios de tantas tribus di-

ferentes como Coretú, Turi-Taboca, Mura, Passé, Mundurucú, Botocudo, Miranha, Maxuruna, Juri, Arara, Mauhé, Uainumá, Aroaqui, Yupuá, Coroado, Catauixis e Jumara, isto é, em todos os índios retratados, o que parece indicar, se não fôr erro do desenhista, que, por influência da civilização européia, êsses índios já estavam muito afastados dos costumes de seus antepassados, pois êstes, provavelmente, praticaram a epilação do rosto e do corpo em geral, usada ainda hoje por quase todos os índios fieis ao comportamento tradicional.

Por fim, seja lícito mencionar que a etnologia ao tempo de Martius estava sob a influência de Friedrich Creuzer e de sua escola em cujas representações os povos naturais não passavam de descendentes degenerados de povos superiores. Já pouco antes, Christoph Meiners considerara o estado de certos povos de Califórnia, Terra do Fogo, Austrália, Malacca e das Filipinas, primitivo por aparência, mas secundário de fato, a saber, um embrutecimento em consequência da sua fuga para desertos estéreis onde o perigo contínuo e a má alimentação levam à decadência.

Não sabemos se Martius, guiado por essas idéias, chegou a suas tristes observações, ou se estas observações, feitas em individuos nas mencionadas condições, o conduziram a julgar degenerados todos os índios. Ele mesmo conta, na página 4 do primeiro tomo de seus *Beitraege*, que veio à América com semelhantes ilusões acêrca do estado paradisíaco dos povos naturais, como as difundira Jean-Jacques Rousseau. Por conseguinte, ao comêço do século XIX, uma reação como as citadas idéias de Meiners e Creuzer, ainda não tinha eliminado a influência do moralista de Genebra, em jovens como o Martius de então.

Na mesma página podemos ler, também, como o viajante, quando numa cabana de índios, mudou de opinião. Era noite de Natal, noite em que todo bom alemão se torna sentimental e saúdoso. Martius pensava em sua mãe e nos dias da infância, contemplando, ao mesmo tempo, o idílio ao seu redor e, principalmente, o carinho infinito das mães índias para com seus filhinhos. Mas, quando todos os habitantes da choupana pareciam estar caídos em profundo sono, levantou-se uma miserável velha que os donos da casa roubaram de outra tribo e tinham, agora, como escrava. Jogando ao fogo ervas e cabelos humanos, murmurando e gesticulando em direção aos filhos de seus senhores, a mulher, aparentemente, estava praticando magia negra. Os manejos da bruxa chocaram-se tanto com os doces sonhos do romântico jovem que êste, de repente e para sempre, abandonou a crença na inocência paradisiaca dessa gente nua, considerando, agora, que “uma superstição tão complicada só podia ser resíduo de um culto à natureza originalmente puro” (*ibidem*, pág. 5).

Cada dia passado entre os índios do Brasil fortificou, então, a convicção de Martius, de que “os americanos não são selvagens, mas asselvajados e decaídos. Se bem existam em alguns países desta parte do mundo, principalmente no México, comunidades de homens vermelhos que não apresentam aspecto tão triste quanto os selvagens brasileiros e muitos outros do continente sulamericano, estou convicto de que também elas não passam de restos degradados de um passado mais perfeito, em via de degeneração muito antes da descoberta pelos europeus já como as outras tribus e povos ainda mais decadentes sem possibilidade alguma de escapar à maldição geral de desaparecer precocemente do mundo.

“As razões desta opinião deixam-se deduzir, especialmente, 1) do atual estado social dos autóctones americanos; 2) do grande número de suas línguas e dialetos e da constituição déles; 3) do ambiente físico; 4) dos restos de obras de arquitetura e de outros documentos históricos” (*ibidem*, pág. 6).

Nas páginas seguintes do citado tomo, Martius tenta provar mais detalhadamente sua hipótese. Referindo-se ao aspecto social dos índios, observa que seu atual modo de conviver não poderia ser chamado de “estado civil”, mas apresenta-se como resíduo de tal estado pelas suas “sobrevivências de condições hierárquicas e monárquicas”. Essa generalização foi desmantelada pelas pesquisas modernas.

A respeito do fator linguístico, os especialistas opinam que os idiomas, há milênios, não eram menos diferentes e menos numerosos que atualmente. “Pois a expansão das grandes famílias linguísticas deu-se à custa de línguas que desapareceram sem deixar quase vestígios”. (Gerhard Deeters in K. Th. Preuss: *Lehrbuch der Voelkerkunde*, Stuttgart, 1937, pág. 234). Também deficiências do vocabulário e o caráter gramatical dos idiomas americanos não falam em favor da tese de Martius.

A terceira das razões apresentadas, o “ambiente físico”, compreende as plantas cultivadas e animais domésticos como “resíduos de tempos pré-históricos”. Apoiando este argumento, escreve F. C. Hoehne em seu livro *Botânica e agricultura no Brasil no século XVI*, São Paulo, 1937, pág. 44: “Os povos que realizaram os prodígios da agricultura que nos são evidenciados pelas inúmeras raças de Milho, Quinôa, Mandioca e demais plantas domesticadas e seleccionadas, não foram os asselvajados que aqui existiam quando os europeus chegaram à América”.

Mas o próprio Martius (o.c., pág. 17) confessa que nós sabemos tão pouco da origem de nosso cão, do gado vacum, do cavalo e de nossos cereais, quanto o índio sabe a respeito da procedência do cão mudo, do lama, da mandioca, do milho e quinôa. Ninguém vê nessa nossa ignorância um sintoma de degeneração.

O mesmo se dá com o quarto argumento. Refere-se êste, principalmente, às antiguidades do México e Perú. Assim como os índios deixaram de produzir semelhantes obras, nós também não criamos mais aquilo que fizeram os antigos gregos e romanos, aquilo que construíram os arquitetos das catedrais medievais e que escreveram um Shakespeare e um Goethe. Isso, porém, não nos leva a considerar-nos decadentes, como aconteceu aos índios na opinião de Martius.

E' verdade que também a etnologia moderna fala em "povos-resíduos" e "regiões de retiro", referindo-se, por exemplo, aos pigmeos das matas tropicais do Congo ou aos esquimós no gelo artico. Mas estamos longe de tratar, da mesma maneira, toda a América. Se não queremos lembrar-nos da força criadora das antigas culturas indias que cada dia se torna mais patente, basta, para reconhecer o absurdo da lúgubre opinião de Martius, observar a importância do índio na politica do México moderno, ou o fato de certas tribus nos Estados Unidos estarem aumentando.

A essa sua tese cuja defesa representa a conferência sôbre "O passado e futuro da humanidade americana", feita em 1838 e reproduzida nas páginas 1 a 42 do primeiro tomo de seu *Beitraege*, o sábio bávaro já aludira num trabalho lido em 1832 e inserto sob o titulo "Von dem Rechtszustande unter den Ureinwohnern Brasiliens" nas páginas 43

a 144 do mesmo volume. Apareceu este último estudo, na tradução portuguesa de Alberto Lofgren e intitulado "O estado do direito entre os autóctones do Brasil", na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", volume XI, páginas 20 a 82, São Paulo, 1906. A versão publicada por Amaral Gurgel, em São Paulo, no ano de 1938, sob o título **O direito entre os indígenas do Brasil**, apresenta só ligeiras modificações estilísticas do trabalho de Lofgren, sem mencionar, porém, o nome deste tradutor. É digno de nota que esse estudo de Martius trate de toda sorte de fenômenos sociais e culturais e não exclusivamente daquilo a que se restringe a jurisprudência moderna.

As páginas 145 a 780 do mesmo primeiro volume compreendem uma sinópsse etnográfica dos índios do Brasil e das regiões limitrofes. Acompanha-a um mapa das supostas migrações dos Tupi e da distribuição dos grupos linguísticos cuja base fornecem os vocabulários reunidos no segundo tomo.

As primeiras objeções de importância a essa classificação partiram de Karl von den Steinen que, em seu livro **Durch Central-Brasilien, Leipzig, 1886**, págs. 291 a 298, dissolveu, antes de tudo, o grupo Guck, por ser formado de elementos demasiadamente heterogêneos. Hoje sabemos, além disso, que, para tirar conclusões de tanto alcance, como Martius pretendia fazer, não basta limitar-se a simples comparação de vocábulos mas é preciso considerar, fora de muitos outros fatores, também as formas gramaticais e fonéticas.

Falando dos esforços etnográficos de Martius, não devemos esquecer suas notícias a respeito dos negros do Brasil. Referindo-se a uma passagem na página 664 do segundo tomo da **Reise in Brasilien** tomo esse redigido exclusivamente por Martius, escreve Nina Rodrigues em seu livro **Os Africanos no**

Brasil, São Paulo, 1932, págs. 177 e 178: “Destas informações de Spix e Martius procedeu com certeza a crença tão arraigada hoje de que tivessem sido bantús todos os escravos negros utilizados no Brasil. E’ que a notícia dos ilustres viajantes e cientistas devia naturalmente conservar o seu prestígio do primeiro ensaio de um estudo etnográfico regular sobre os negros exportados da África para o nosso país. Mas nêles Spix e Martius não dizem palavra dos negros sudaneses, porque, não conhecendo ou conhecendo mal o português e provavelmente não possuindo as línguas africanas, não fizeram estudo e observação direta sobre os negros, limitando-se a aplicar a todos os escravos as informações que haviam colhido de traficantes portugueses, empregados no comércio de escravos do Sul da África. De fato, como já mostramos, era elevadíssimo o número de negros sudaneses na Baía quando Spix e Martius passaram por esta província no começo do século XIX.

“Se as indicações de Spix e Martius sobre as principais procedências dos nossos negros austrais são claras e devidamente apreciam êles as procedências de Benguella, Angola, Cabinda e Moçambique, devemos confessar que à exceção dos Macuas, as denominações etnográficas por que designam os povos dessas regiões, tiradas provavelmente de trabalhos alemães, não correspondem às empregadas nos melhores estudos modernos sobre êstes negros, sejam inglêsses, americanos, ou portugueses.

“Na carência de estudos regulares sobre os escravos bantús introduzidos no Brasil, feitos oportunamente, e na impossibilidade atual de reconstruir êsse passado, acreditamos que nos teremos de contentar hoje com a certeza das designações regionais. Estas são: a) de negros de Angola ou Ambundas, dentre os quais se destacam nas tradições dos

nossos africanos os Cassanges, Bángalas ou Inbángalas, e em que talvez os modernos Dembos sejam os Tembas de Spix e Martius; b) os negros Congos ou Cabindas, procedentes do estuário do Zaire; c) os negros de Benguella, de que só conhecemos esta designação regional e nenhum dos nomes de tribus mencionadas por Martius; d) os negros de Moçambique, em que foram bem conhecidos os Macúas, mas não encontro vestígios dos que êles chamam Anjicos”.

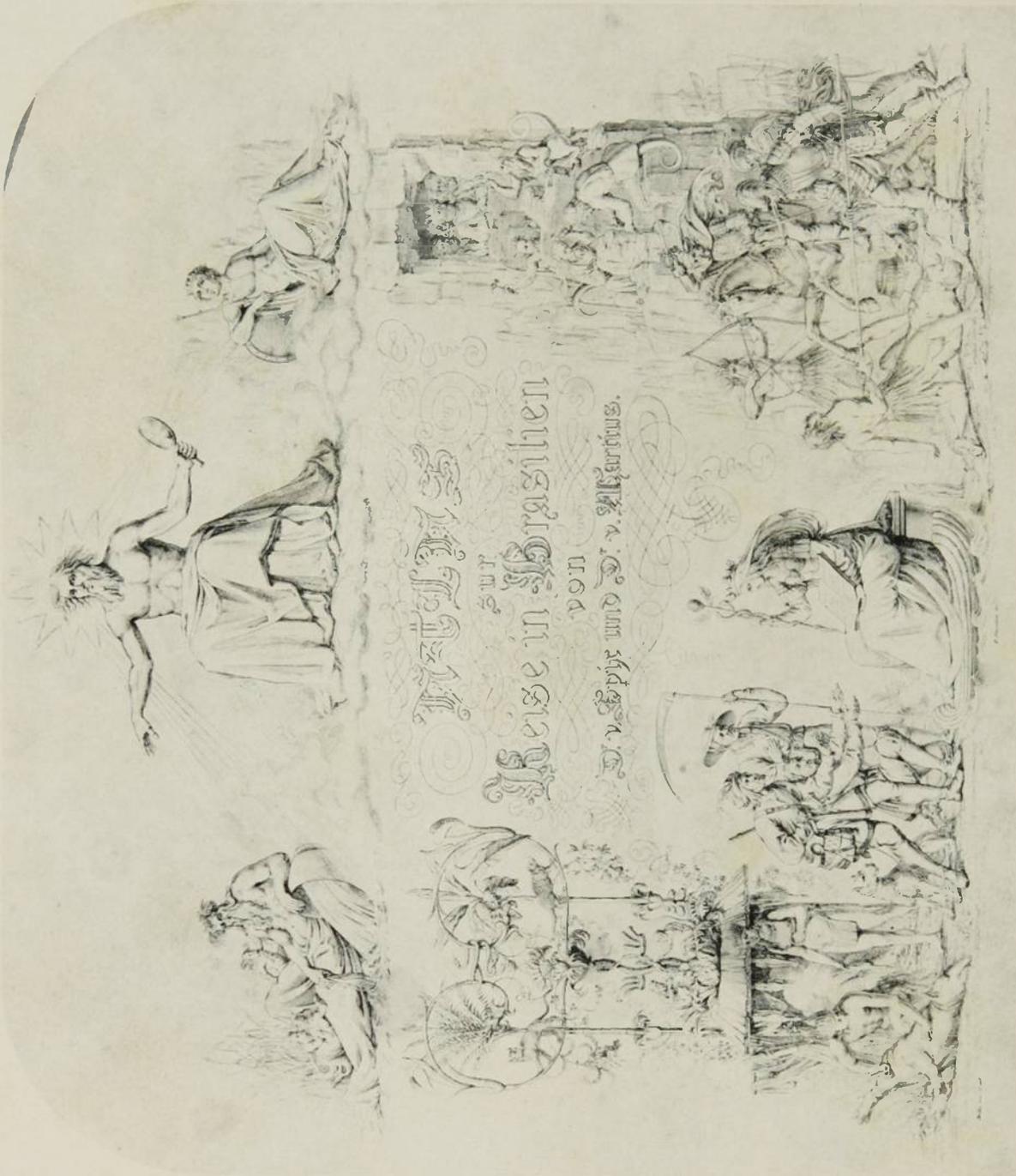
Digamos, por fim, algumas palavras sôbre os bons sentimentos que Martius, tóda a vida teve para com o Brasil. Observa Hugo Schramm, na página 199 do primeiro dos dois tomos de sua biografia intitulada *C. F. Ph. v. Martius*, Leipzig, 1869, que, provavelmente, nenhum outro escritor estudou mais a fundo uma terra estranha, do que o sábio bávaro o Brasil, o qual foi amado por êle como se fôra “sua segunda pátria”.

Acrescenta, porém, o mesmo autor que Martius, injustamente, foi censurado por causa dêste amor, citando uma frase de seu biografado cujas palavras o apresentam como perfeito pangermanista.

A afeição de Martius pelo Brasil, envolvida num sentimentalismo que caracteriza tanto êste homem como seu povo e sua época, fica patente quando, em carta datada de Schlehdorf, 18 de agosto de 1863 (e impressa na tradução brasileira de sua *Viagem pelo Brasil*, volume I, páginas XI a XIII), o velho escreve a seu amigo Paulo Barbosa da Silva: “Ainda alguns anos: depois dormirei no chão destas pacíficas montanhas; mas algumas pessoas do Brasil dirão: “Morreu um Alemão, um sábio e ativo lente, que trabalhou entre nós e amou a nossa gente!”

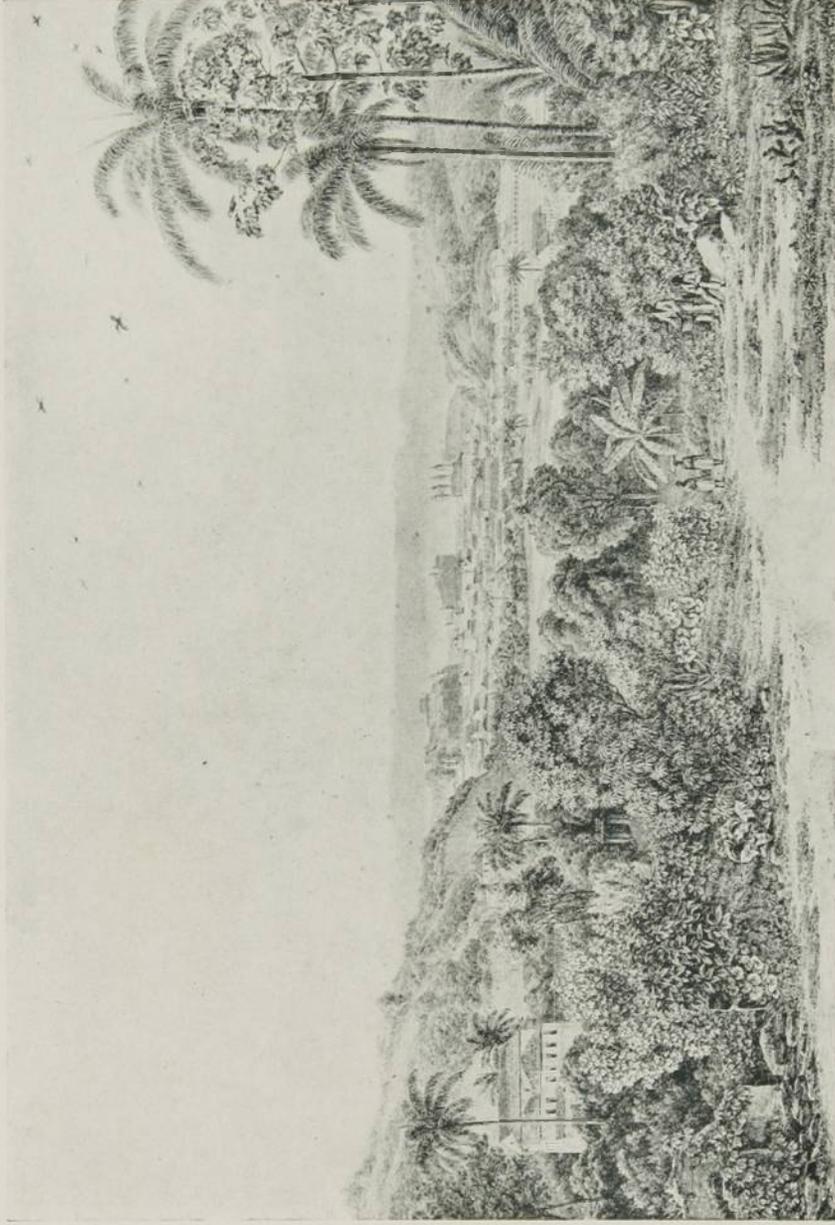
Herbert Baldus

São Paulo, Setembro, 1940.



Reise in Brasilien
zur
von
W. v. Spix und D. v. Martius.

Frontispicio do Album de Spix e Martius



Rio de Janeiro



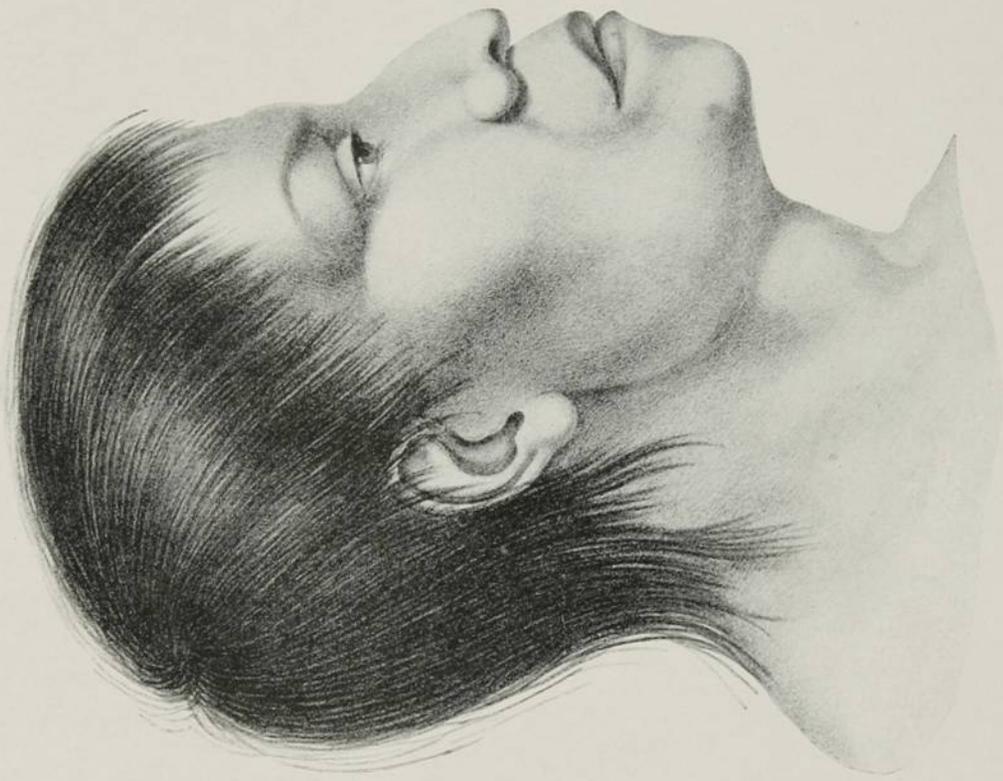
Mandloca



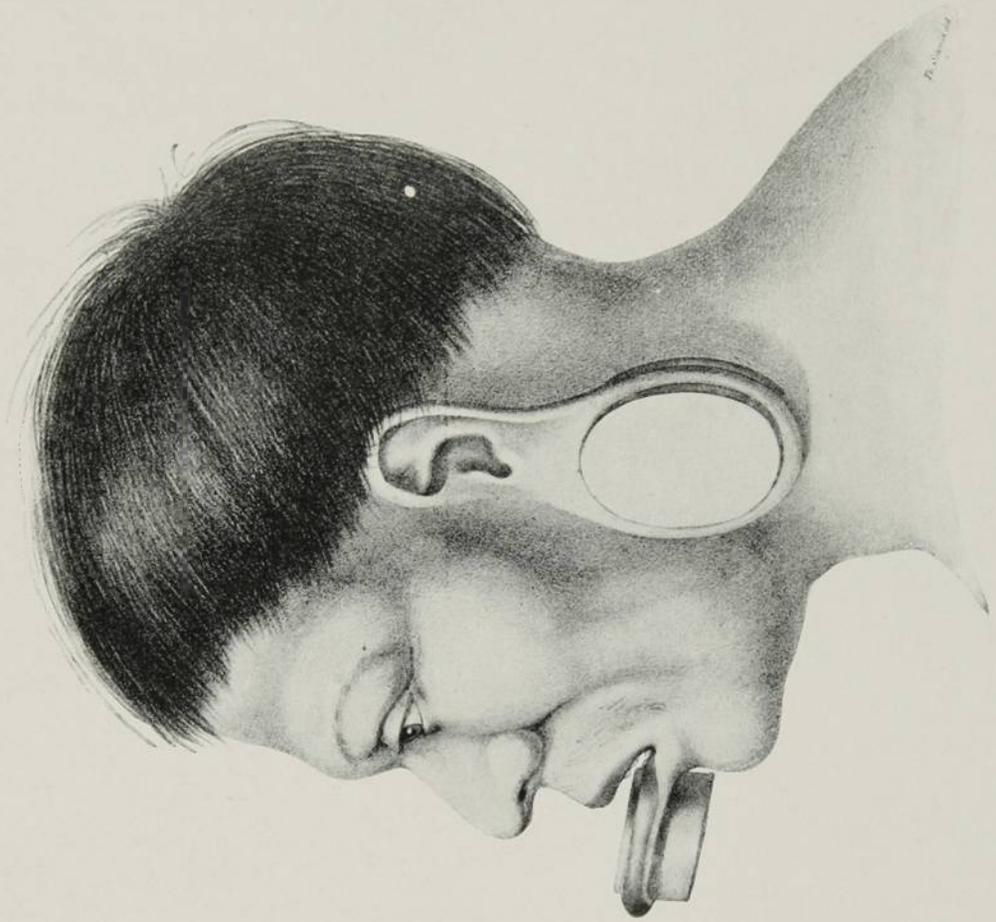
Mameluca da Província de São Paulo



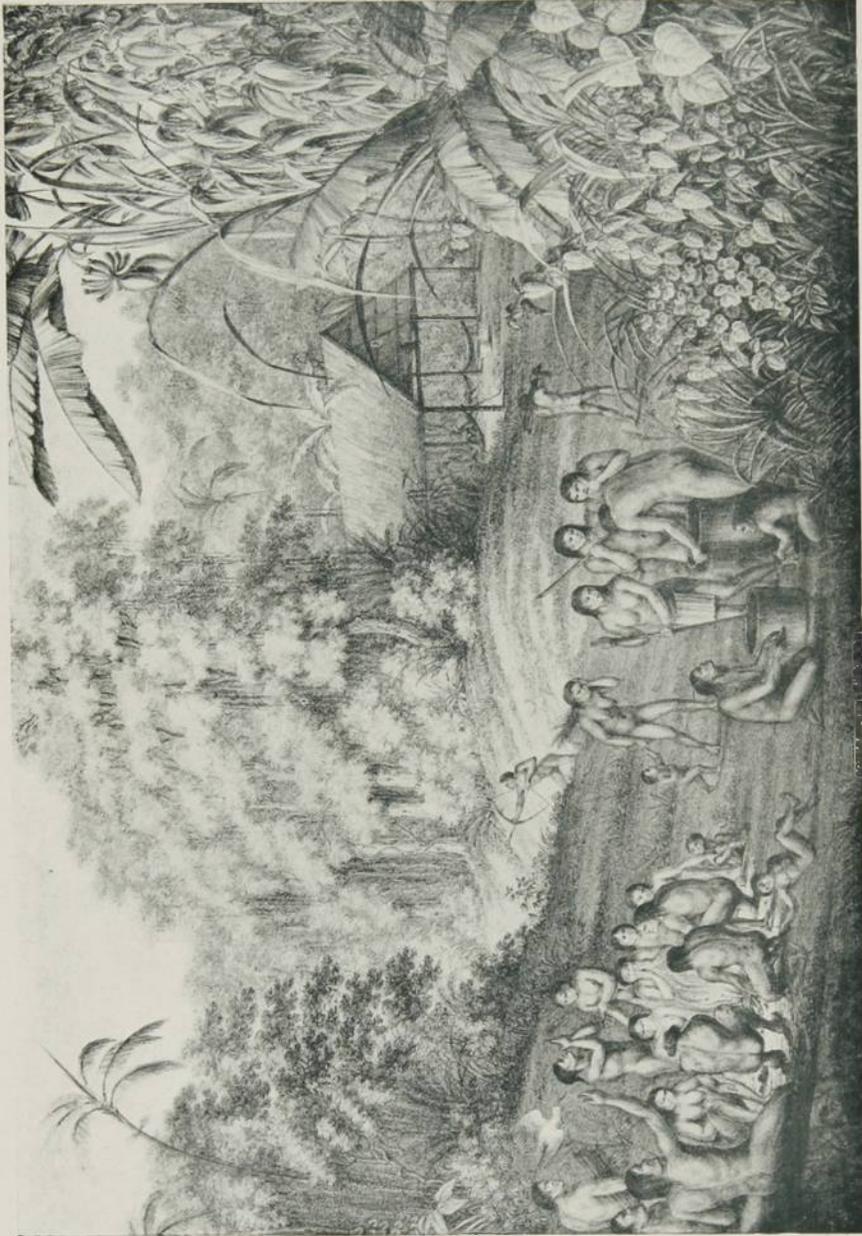
Cafusa da Província de São Paulo



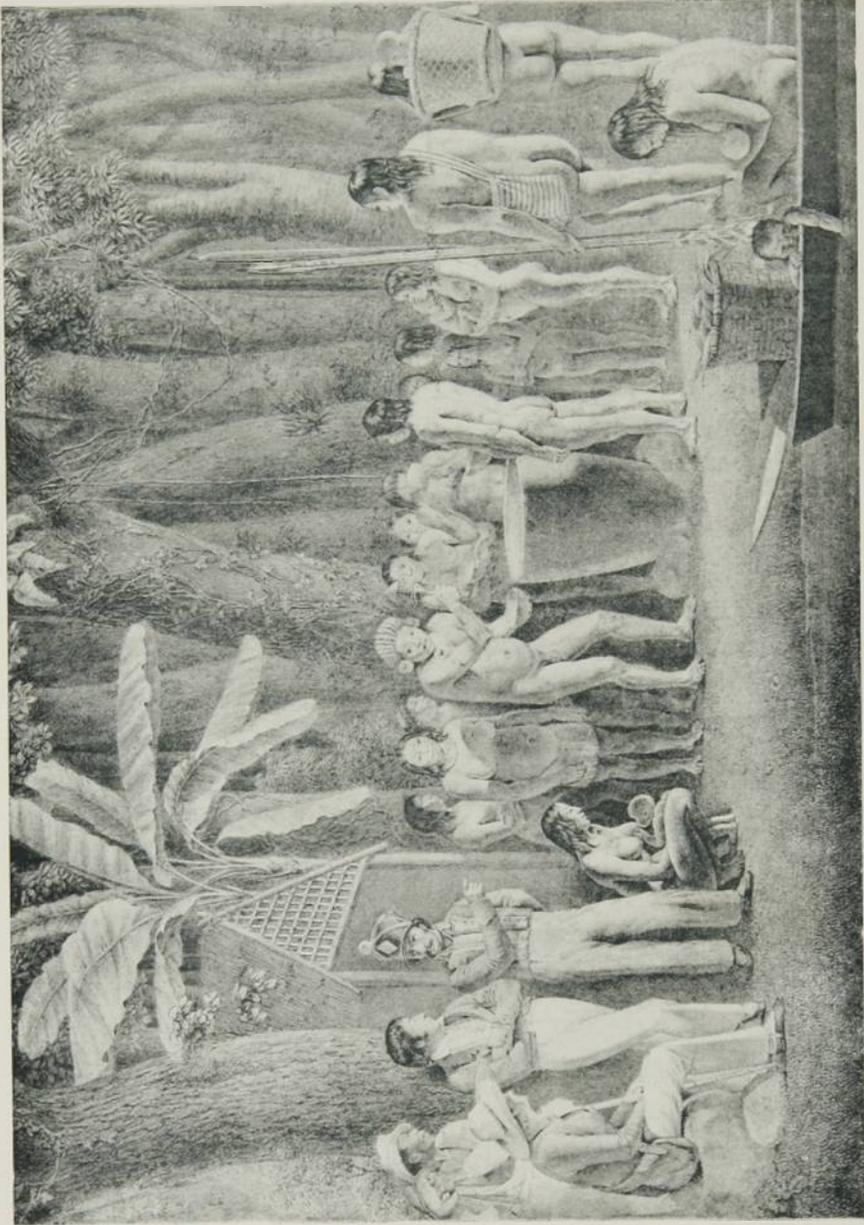
Corrado



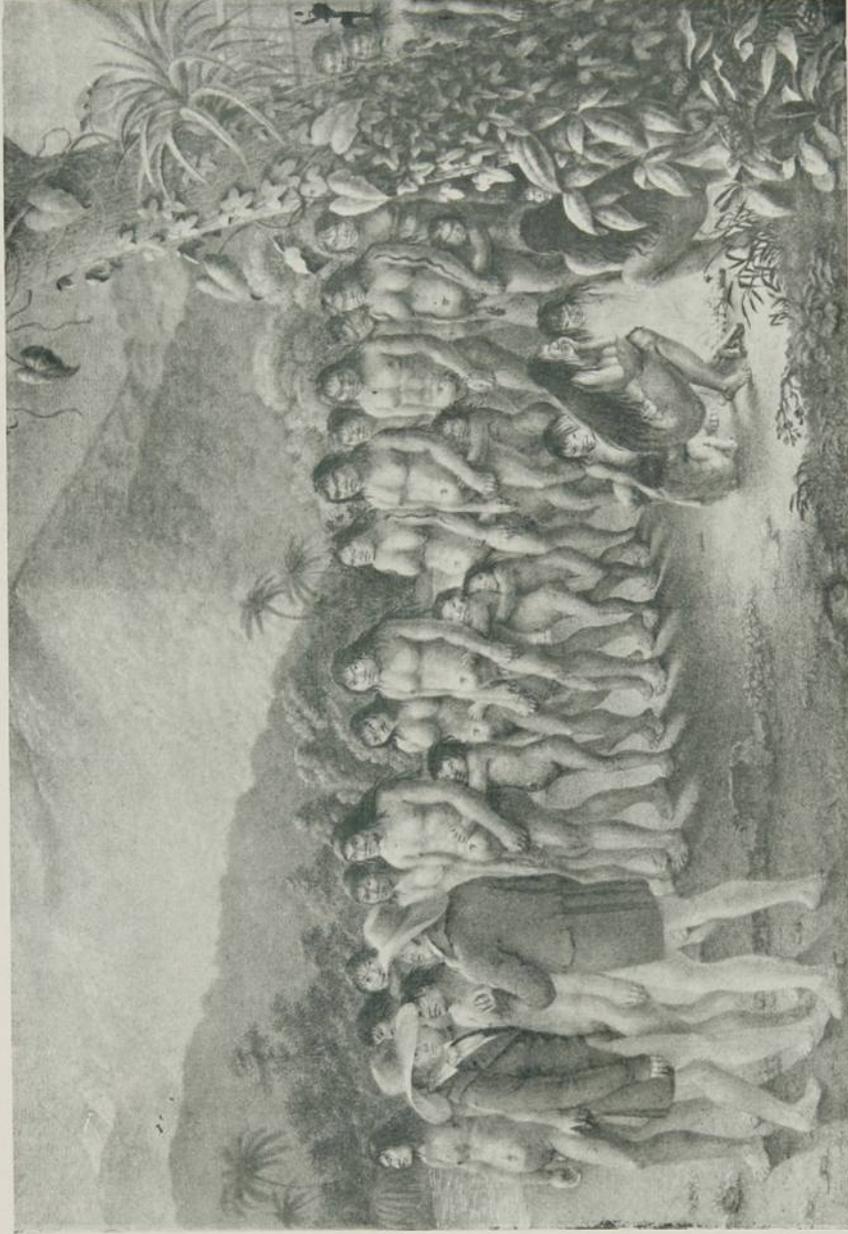
Botoecudo



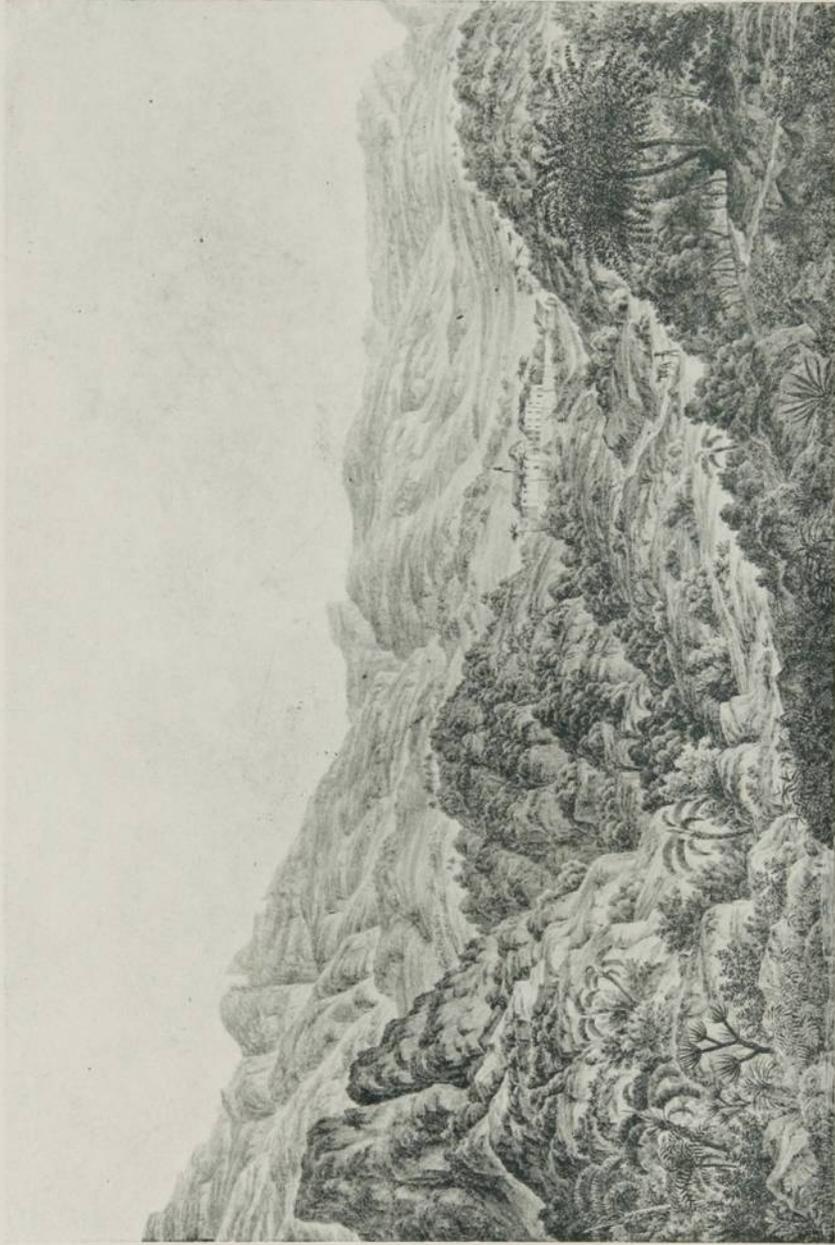
Aldeia dos Coroados



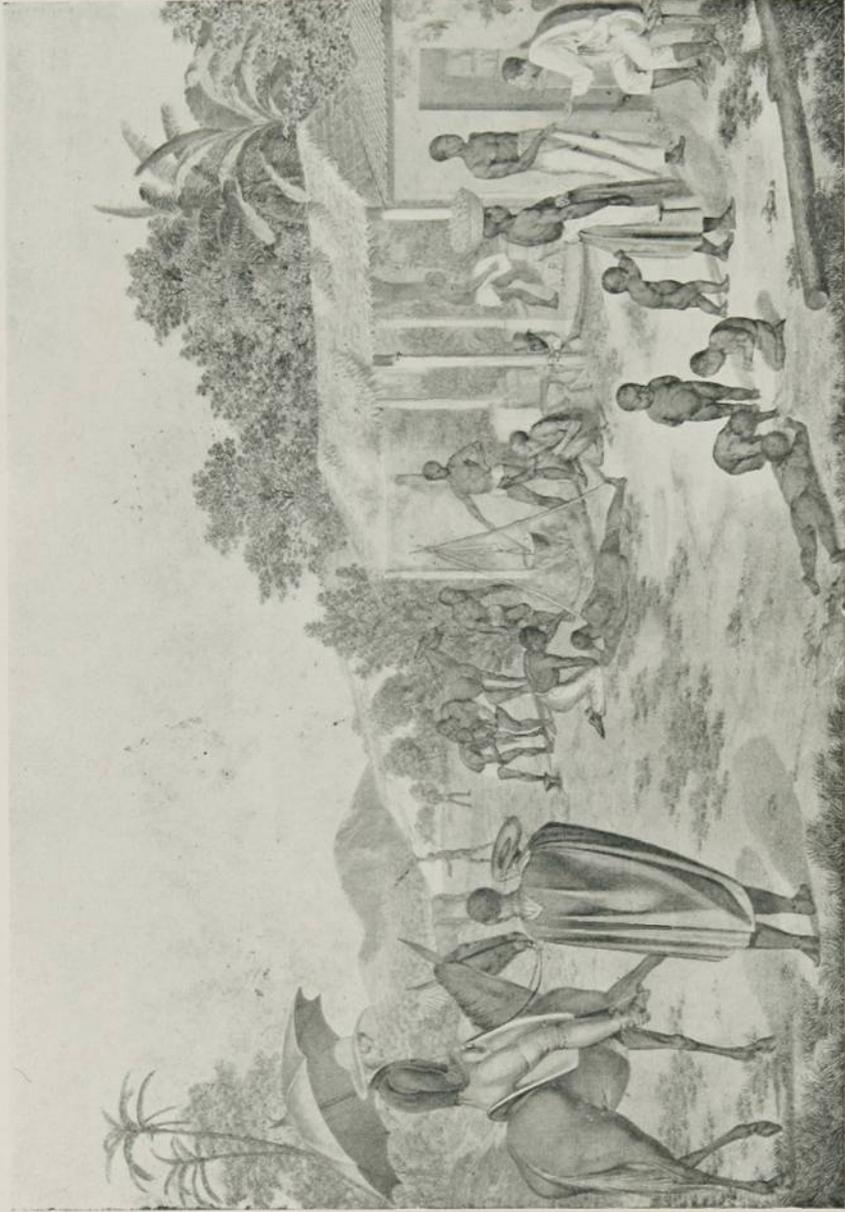
Festa da bebida entre os Coroados



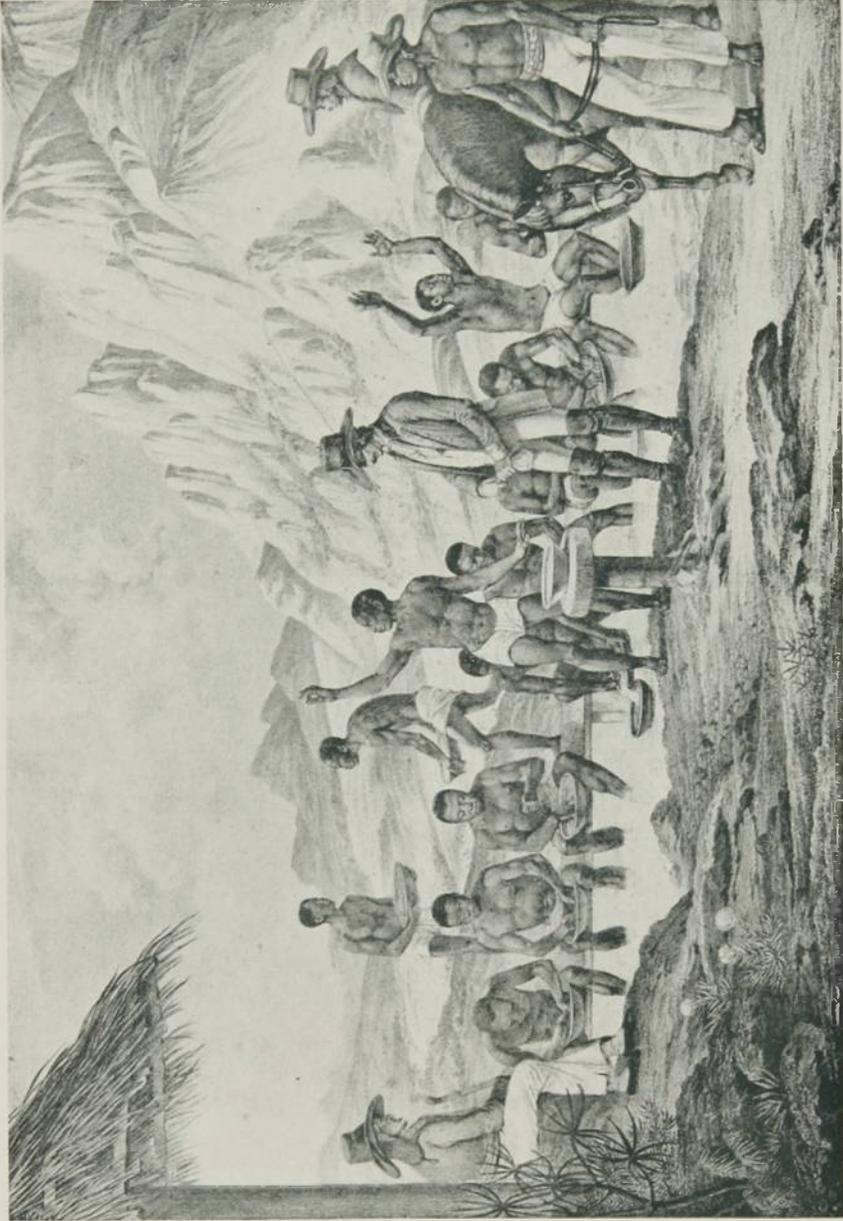
Dança dos Puri



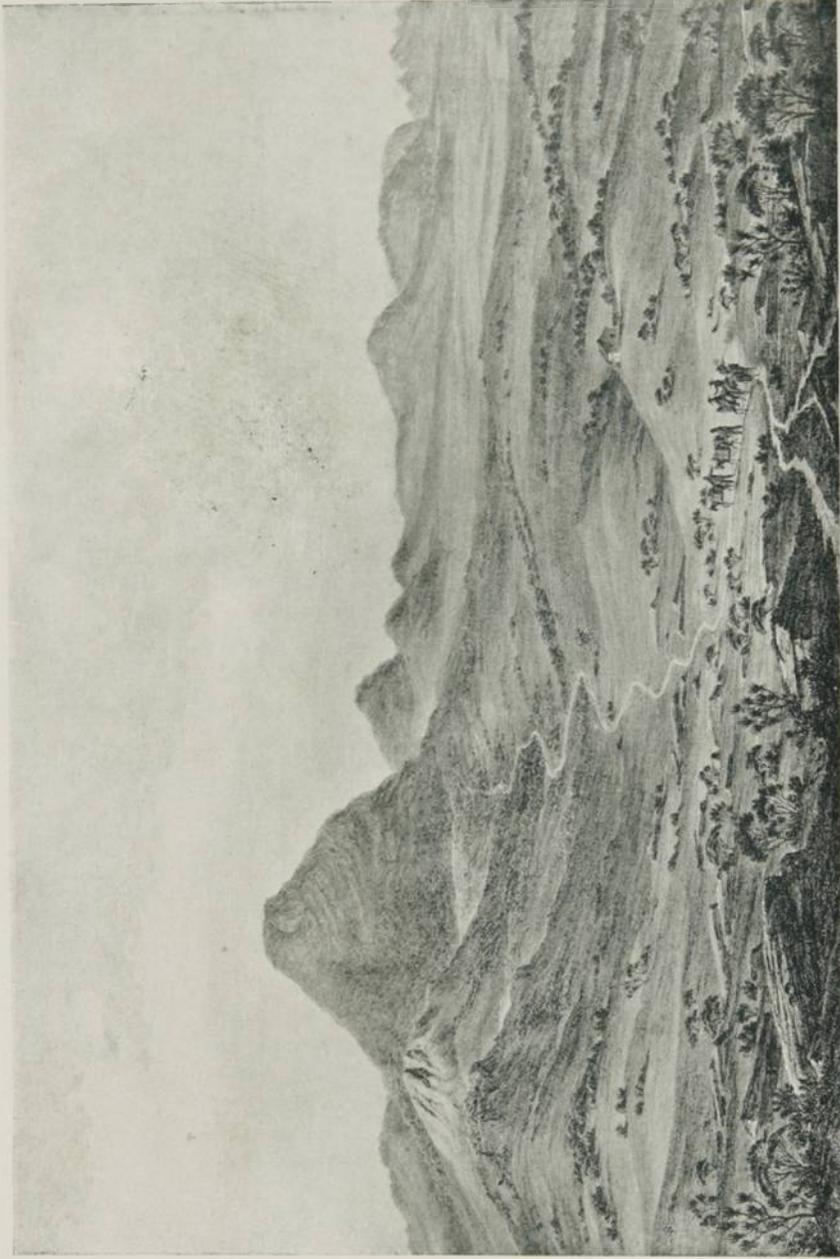
Hospício da Mãe dos Homens



Rancho ao pé da serra do Caraca



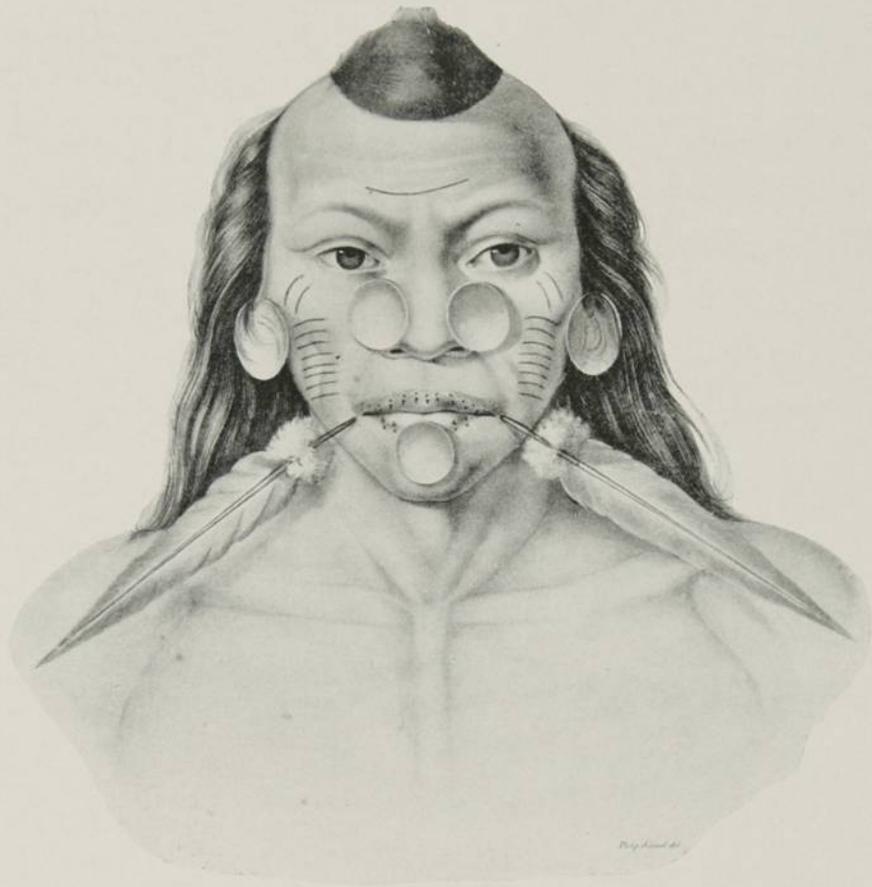
Garimpeiros em Currallimbo



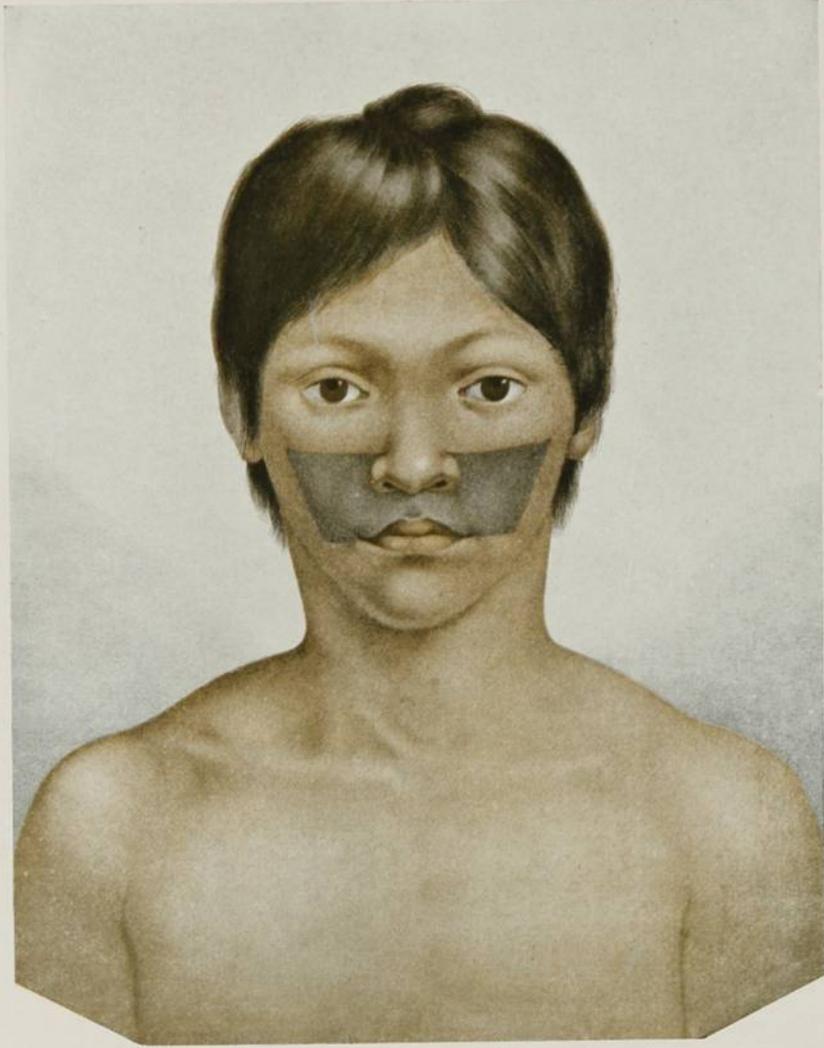
Serra do Itambé



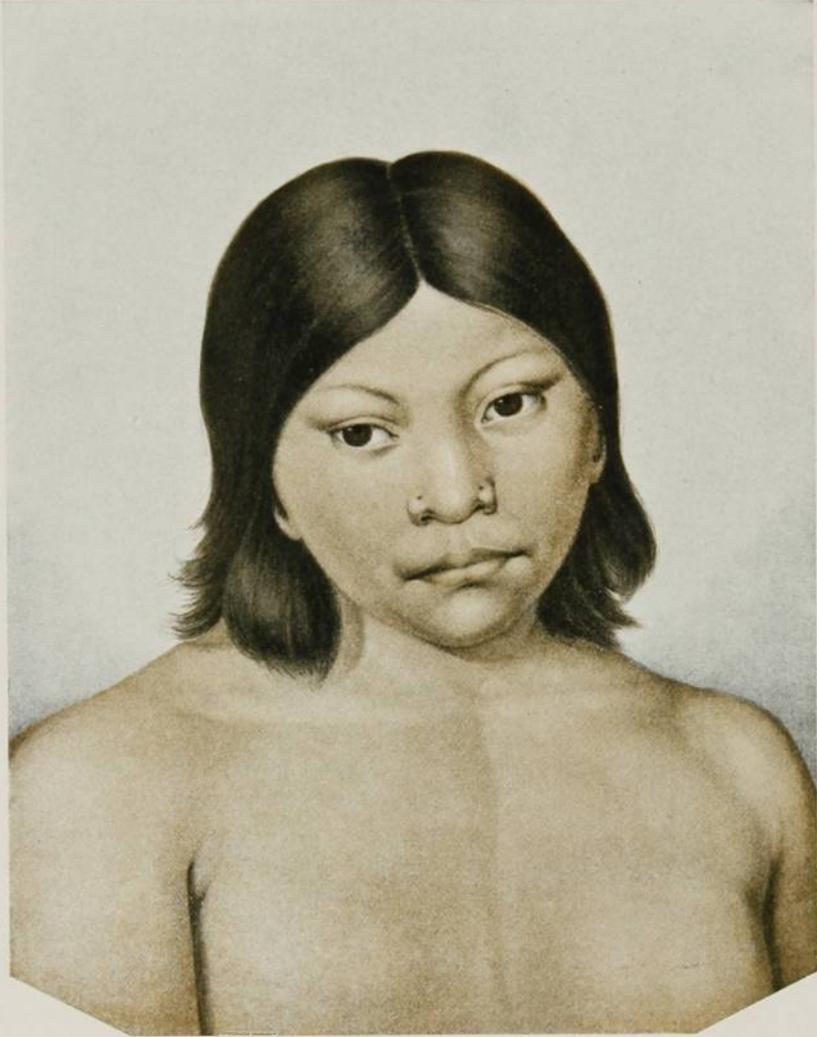
Vila Velha



Maxuruna



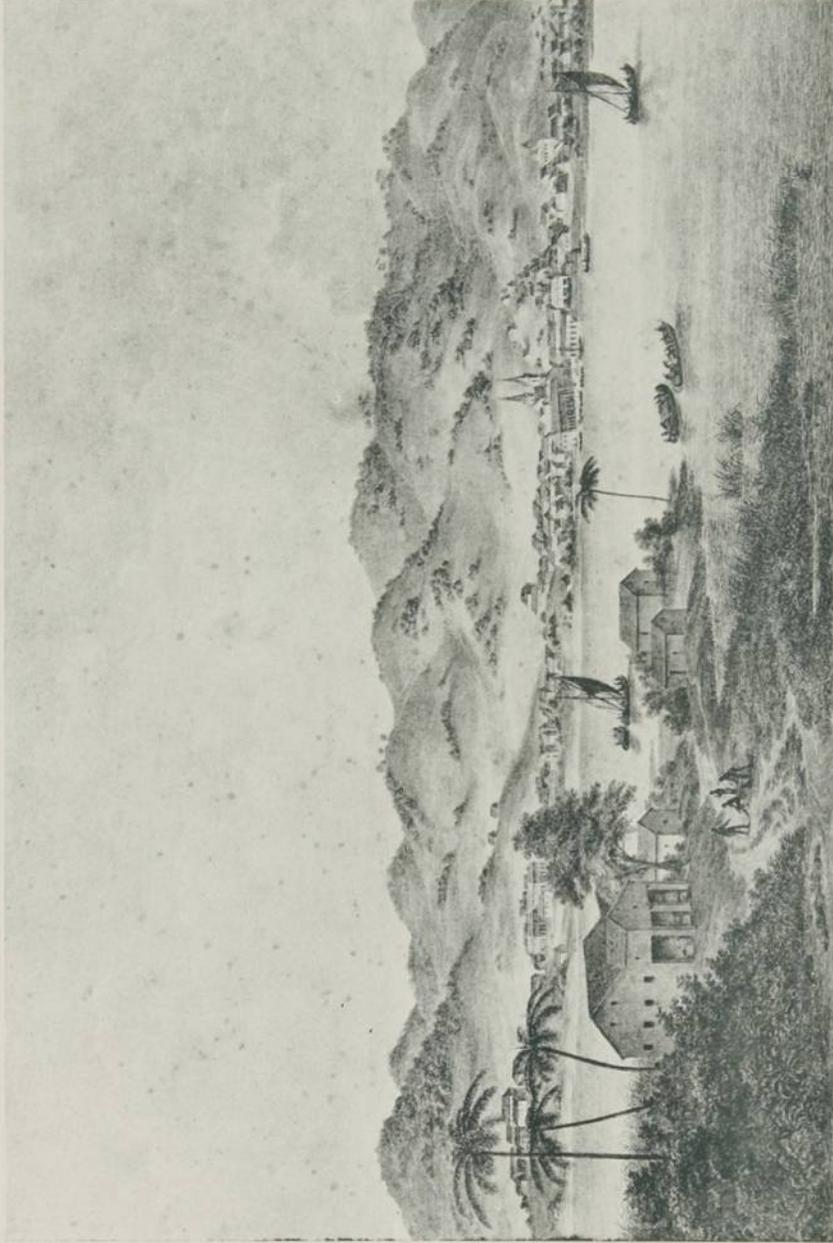
Iuri



Miranha



Lagoa dos Passaros perto do rio São Francisco



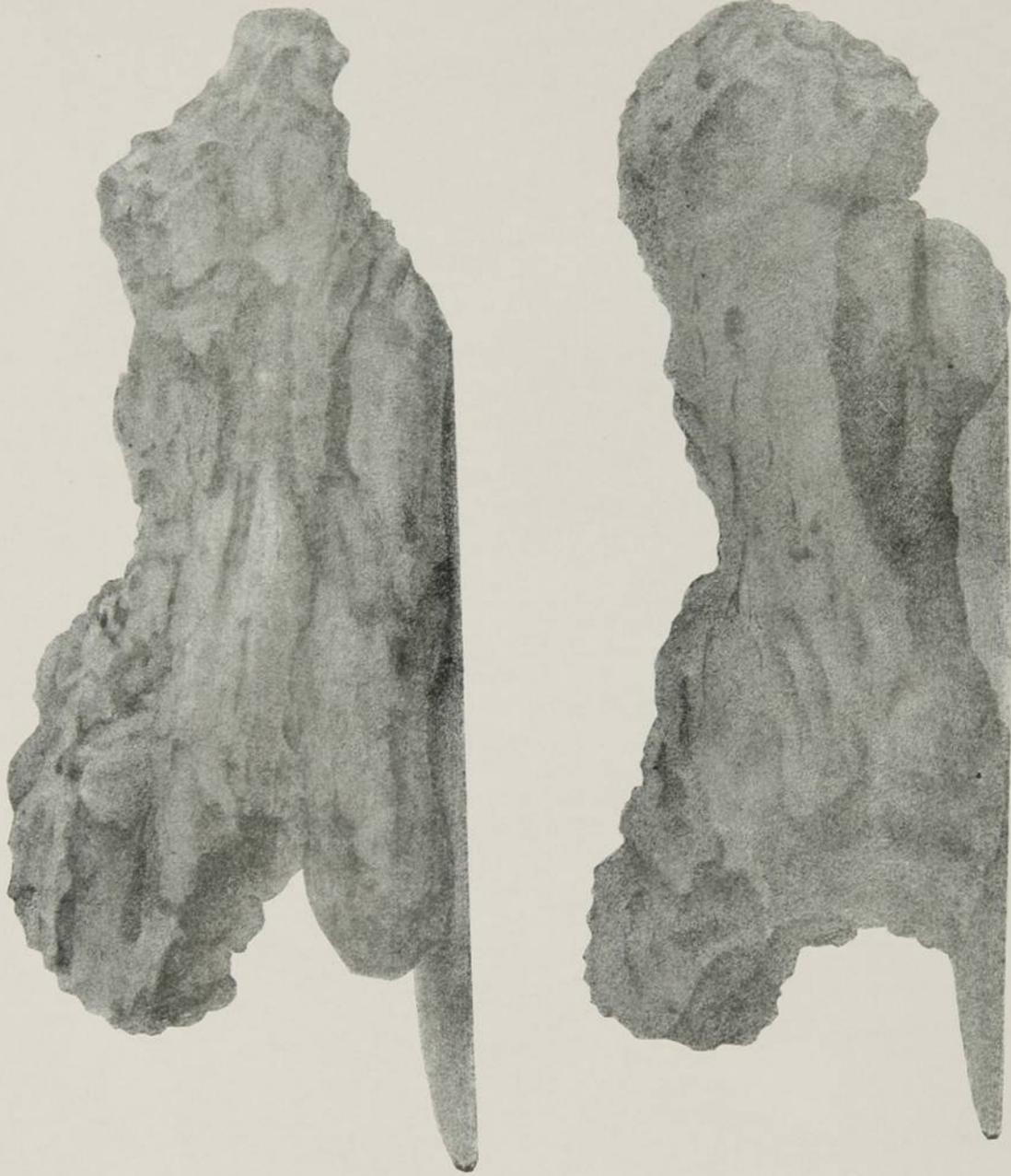
Vila de Cachoeira



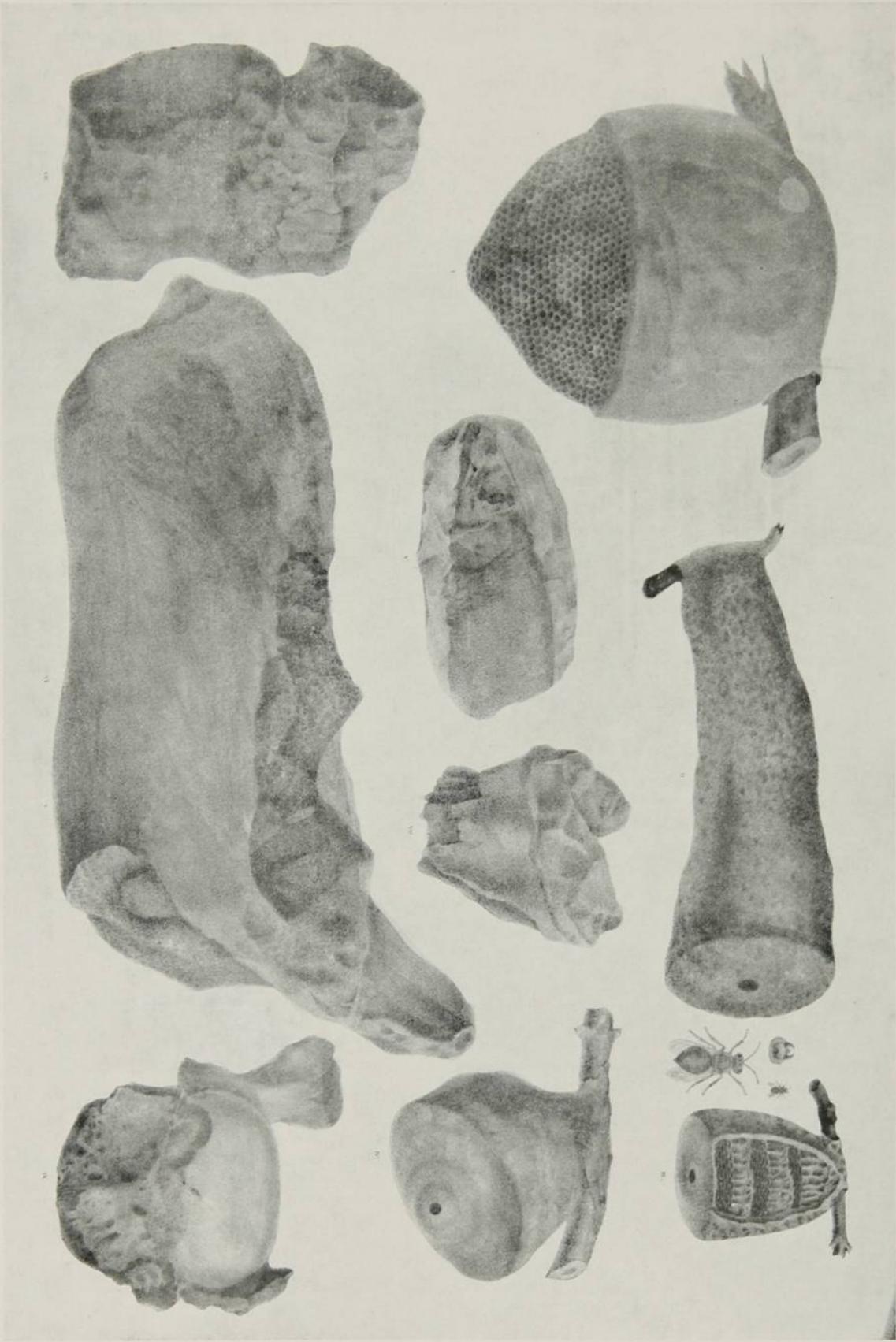
Serras do Brasil



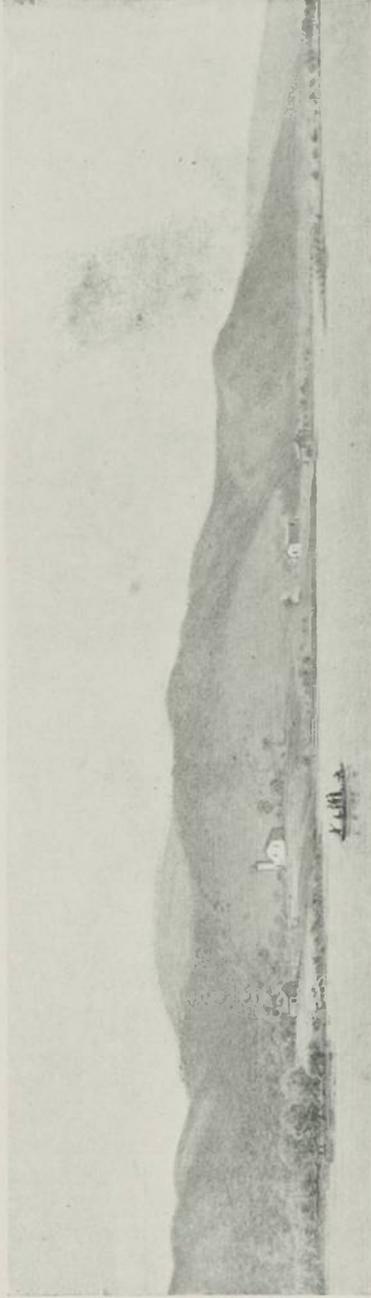
Inscrições numa pedra da Serra do Anastácio



Meteoro de Bemdegó



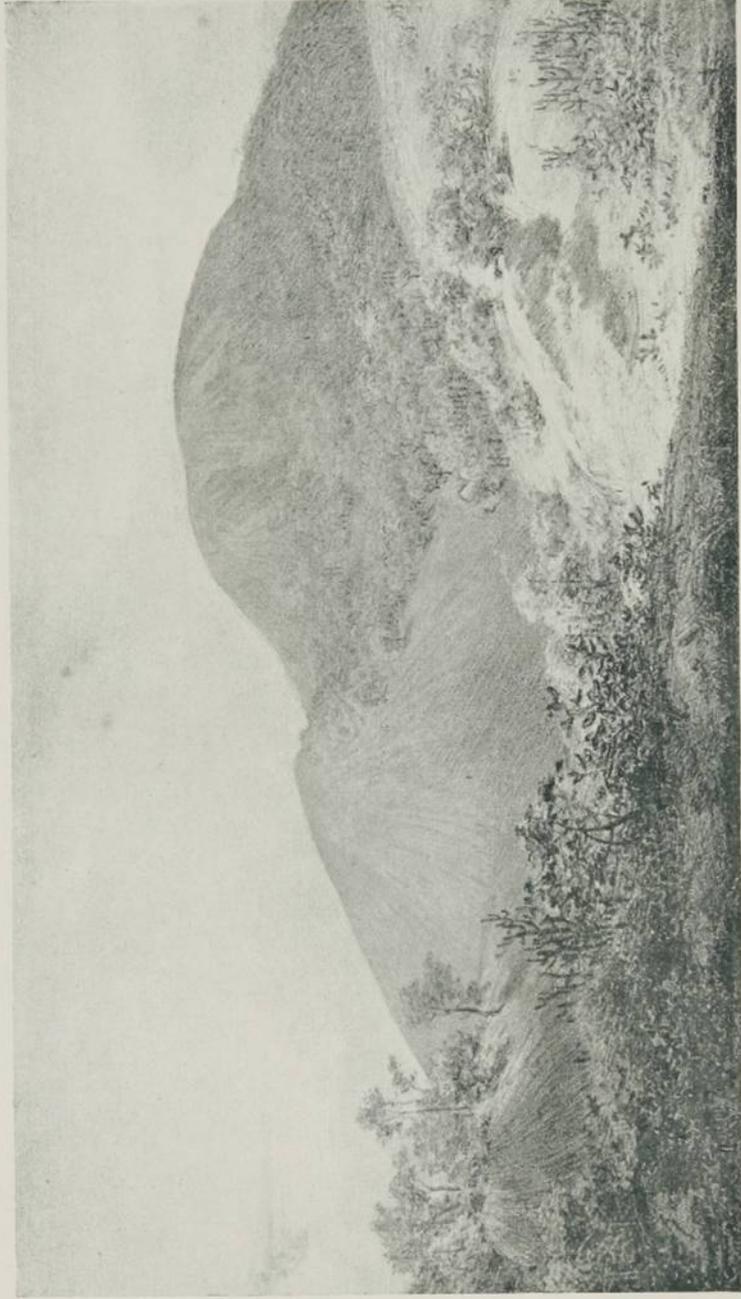
I — IV — Ninhos de vespas. V — Peixe fossilizado. VI — IX — Ossos de mastodonte.



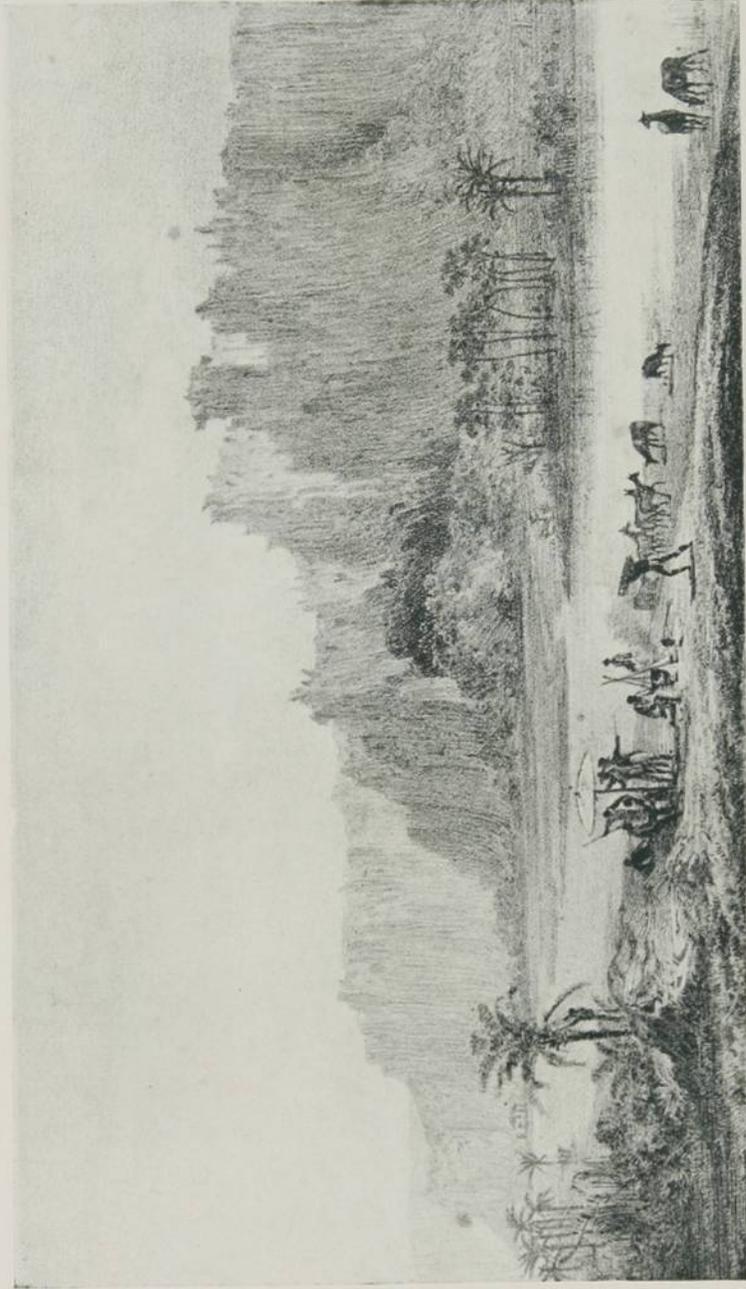
No Rio Pernambuco



Parte da Serra de Tiubá, perto de Tapera



Montanhas da Serra dos Montes Altos



Montes calcareos no Rio Carimbamba



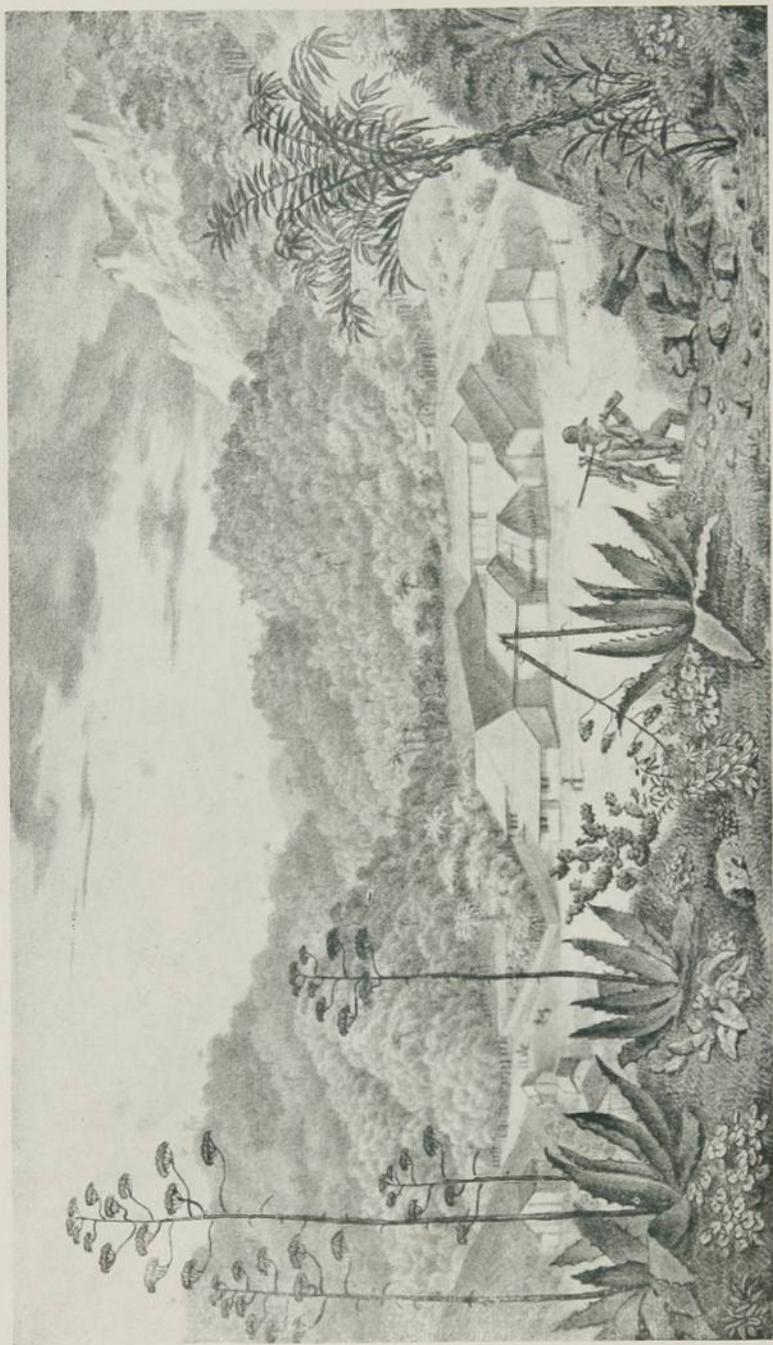
Jouzeiro no Rio de S. Francisco



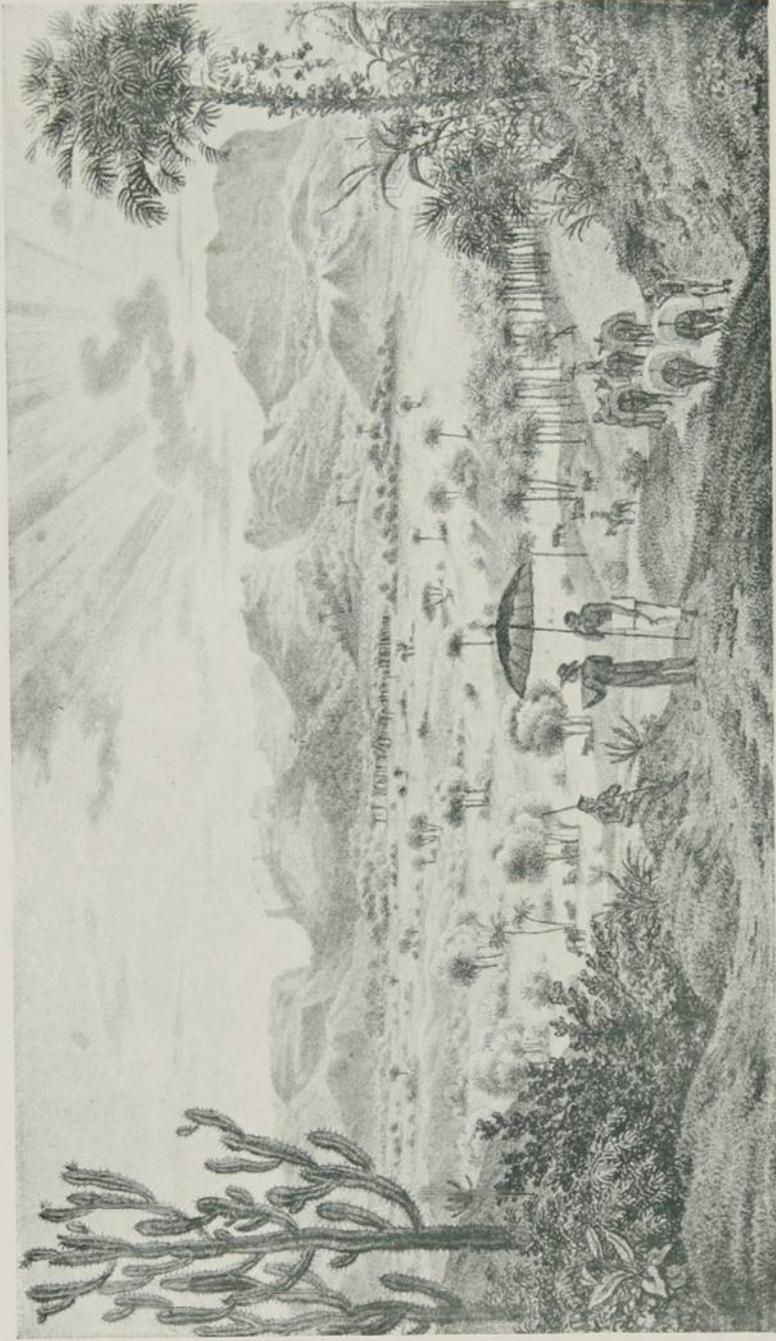
No Corcovado, perto do Rio de Janeiro



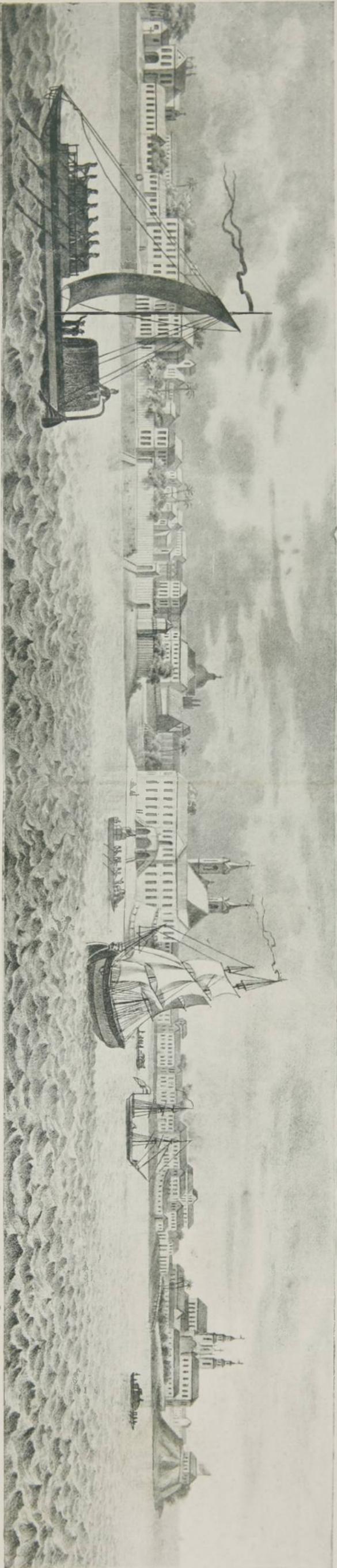
Na Serra dos Órgãos



Corrego Secco



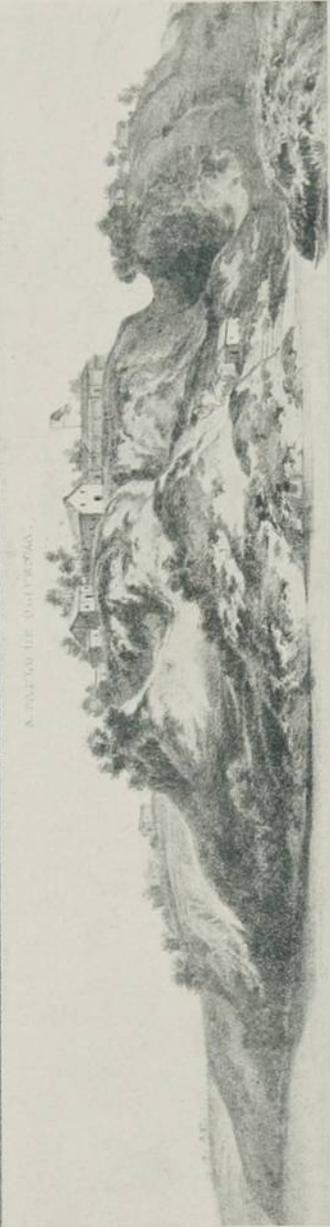
Paisagem de Piauí



Santa Maria de Palen de Grijó Parí



STADTANSICHT VON SANTALIA

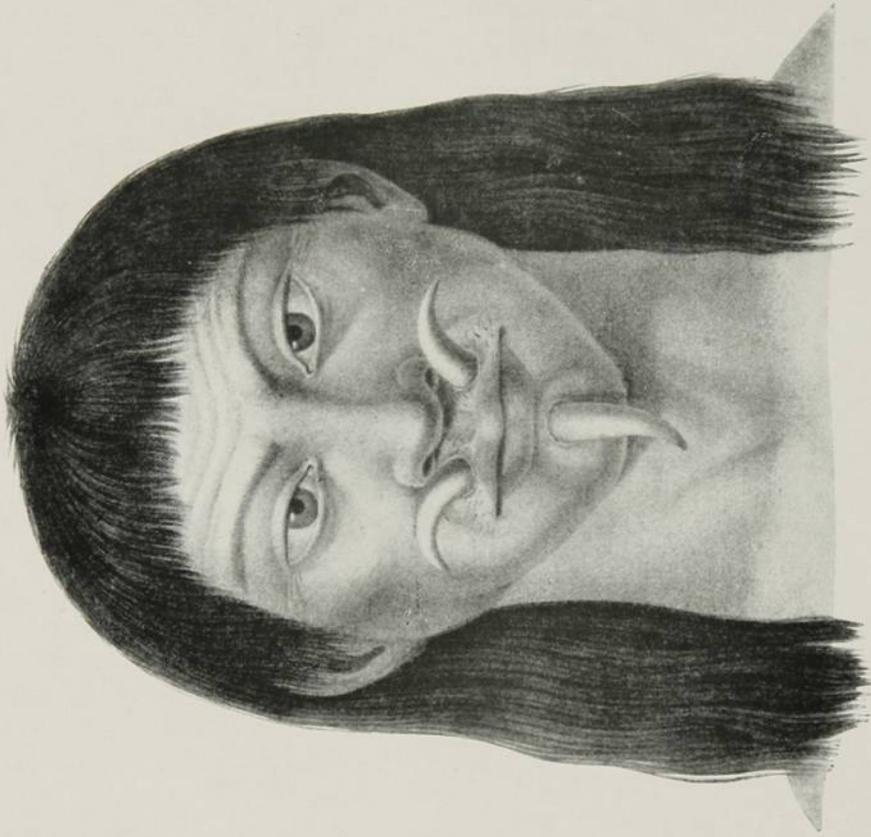


ANSTADT VON SANTALIA

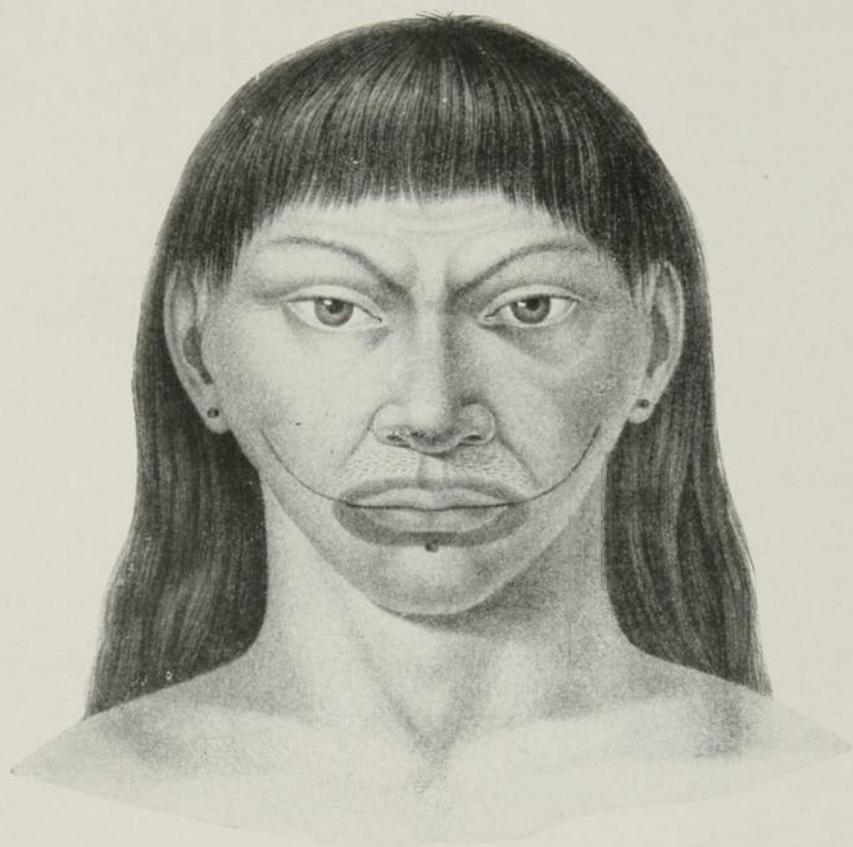


ANSTADT VON SANTALIA

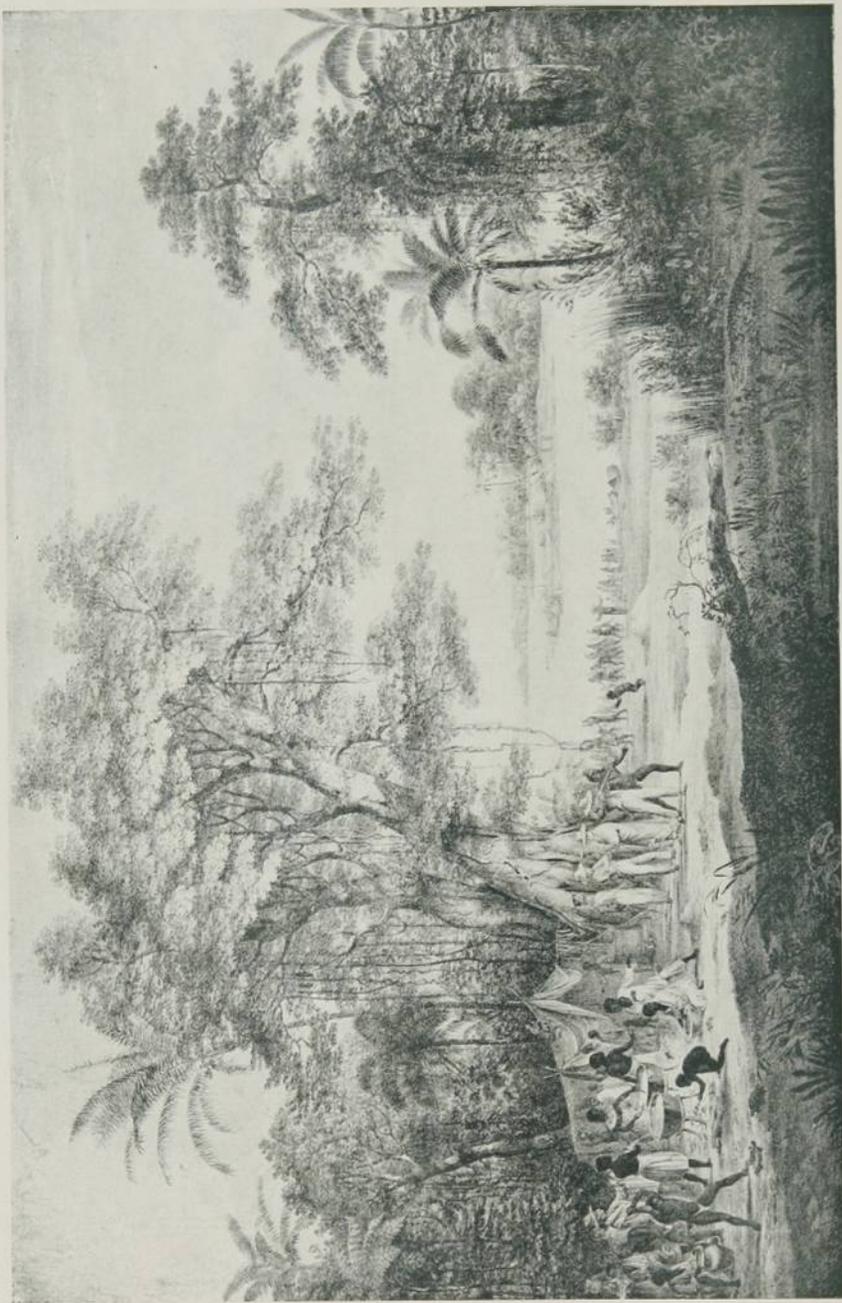
Paisagens do Amazonas



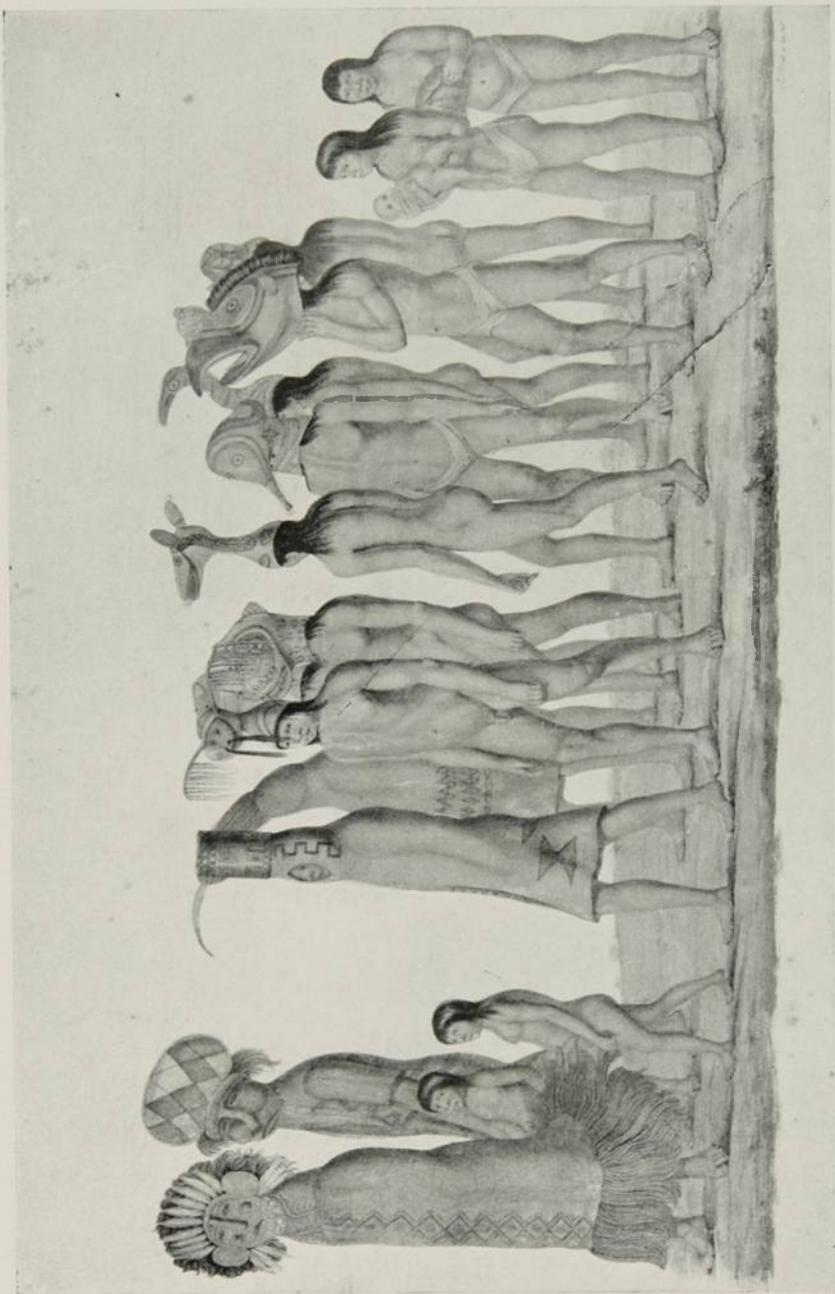
Mura



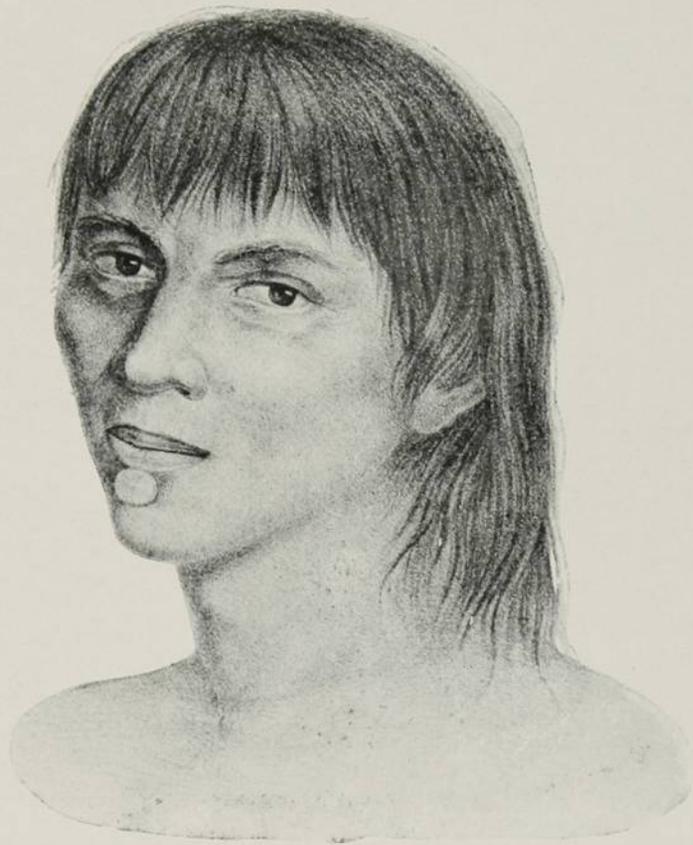
Iumana



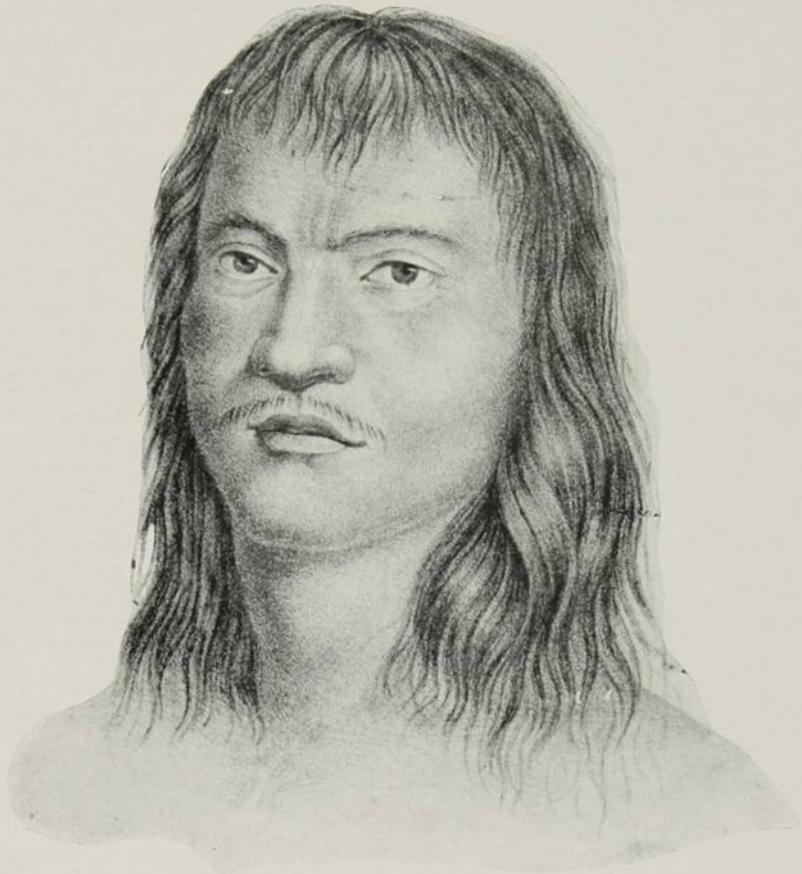
Preparo dos ovos de tartaruga no Amazonas



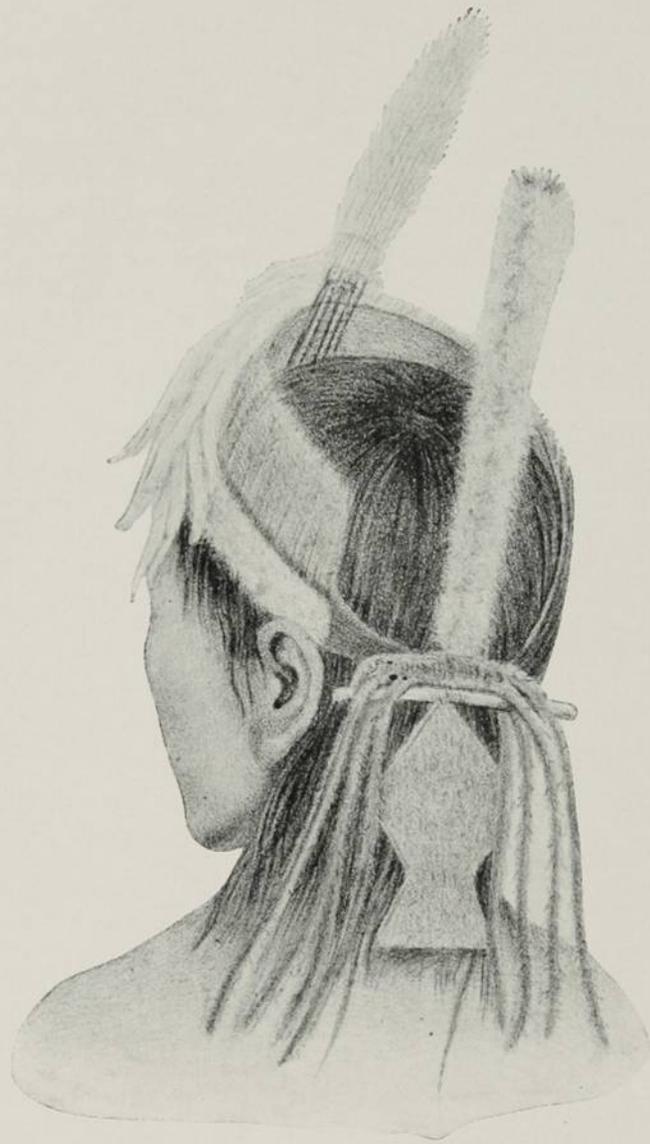
Cortejo solene dos Tecuna



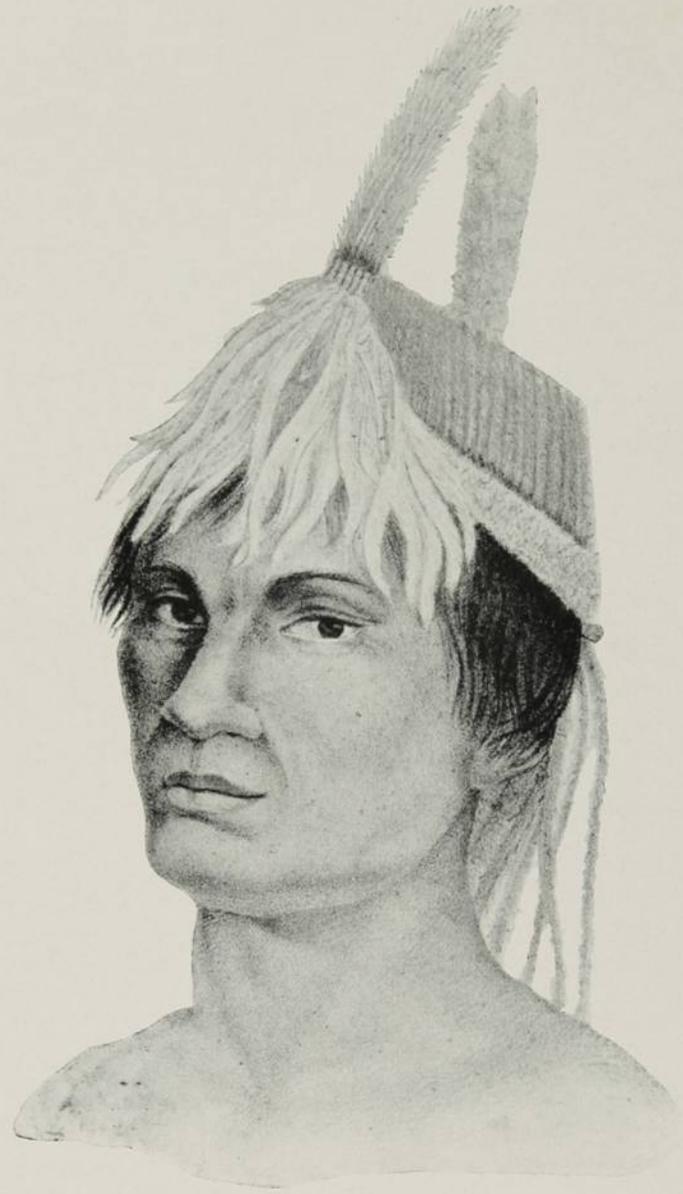
Iuri-Taboca



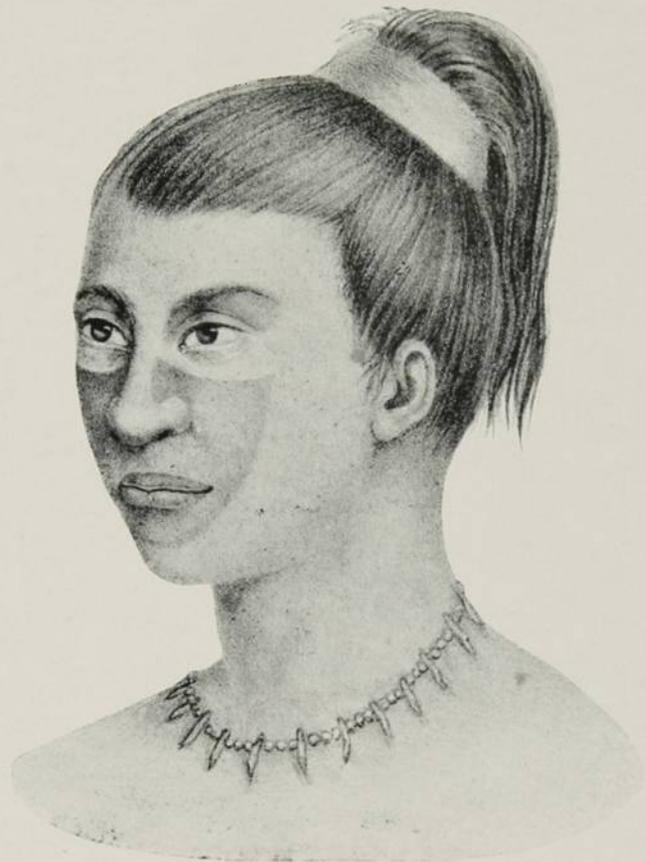
Coretú



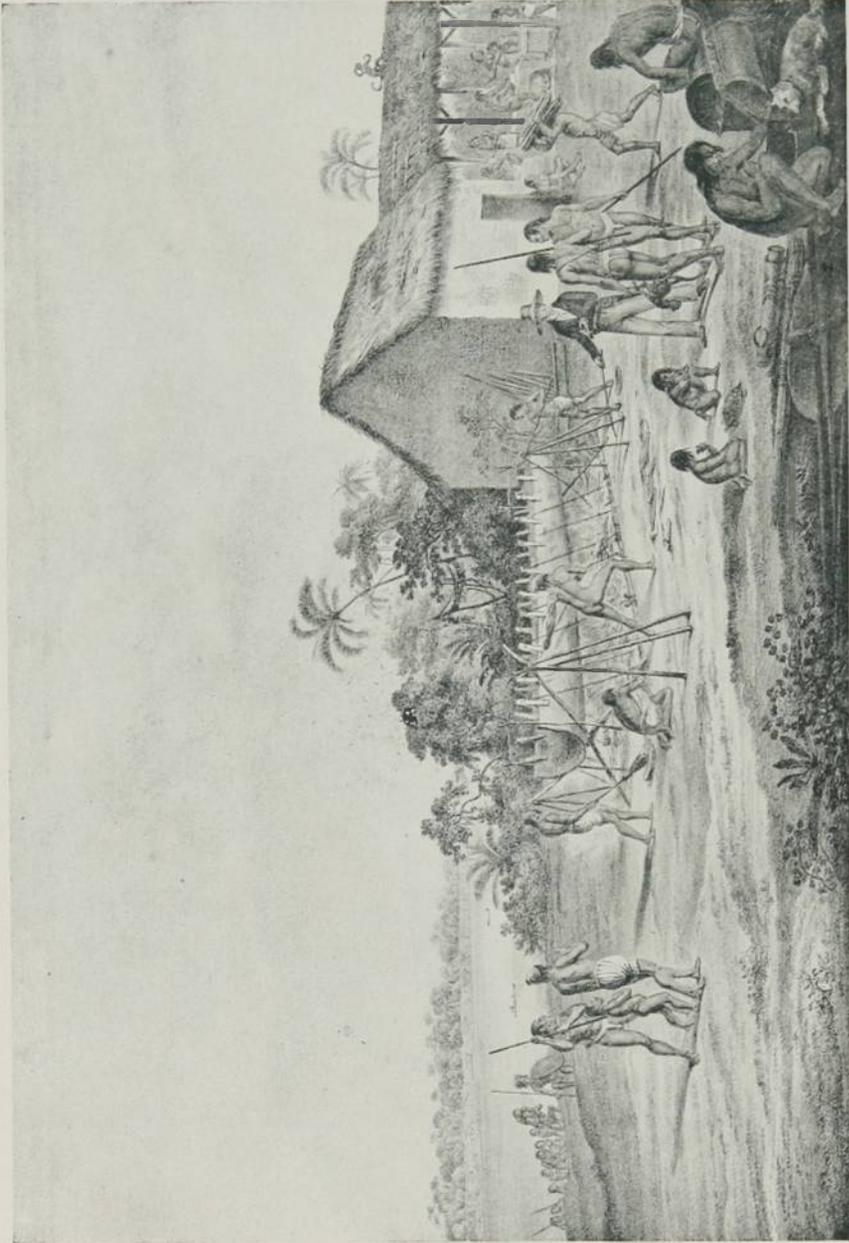
Coerunas



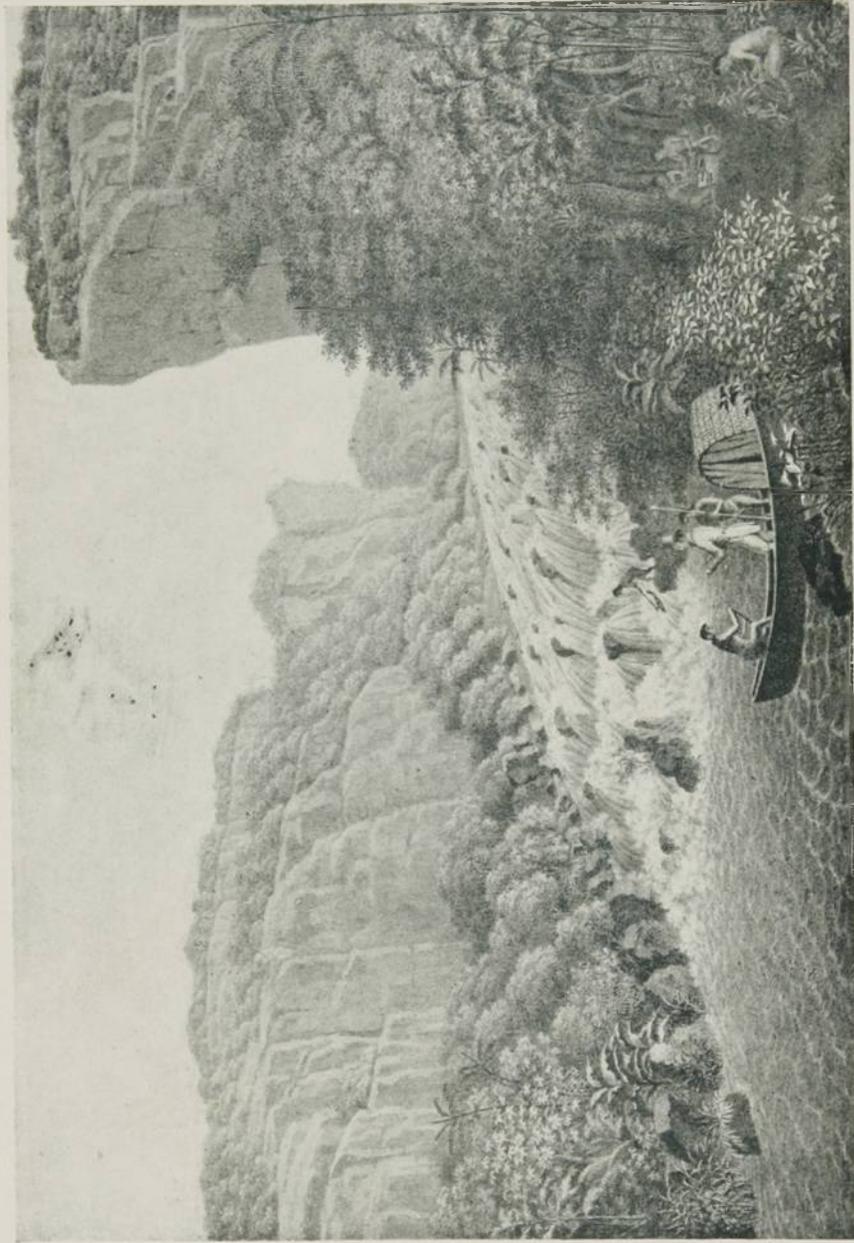
Coëruna



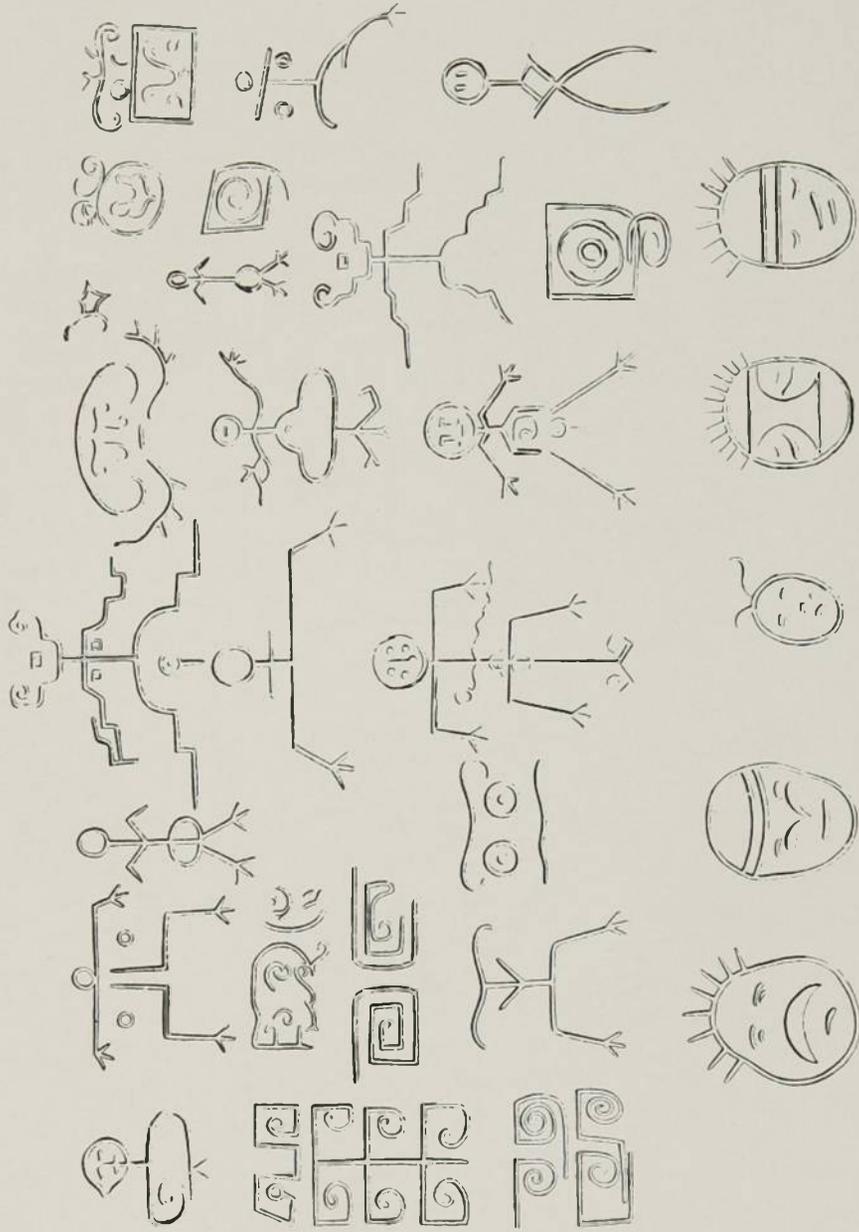
Passé



Porto dos Miranba à margem do Japurá



Arara-coara



Escultura em pedra no rio Japurá



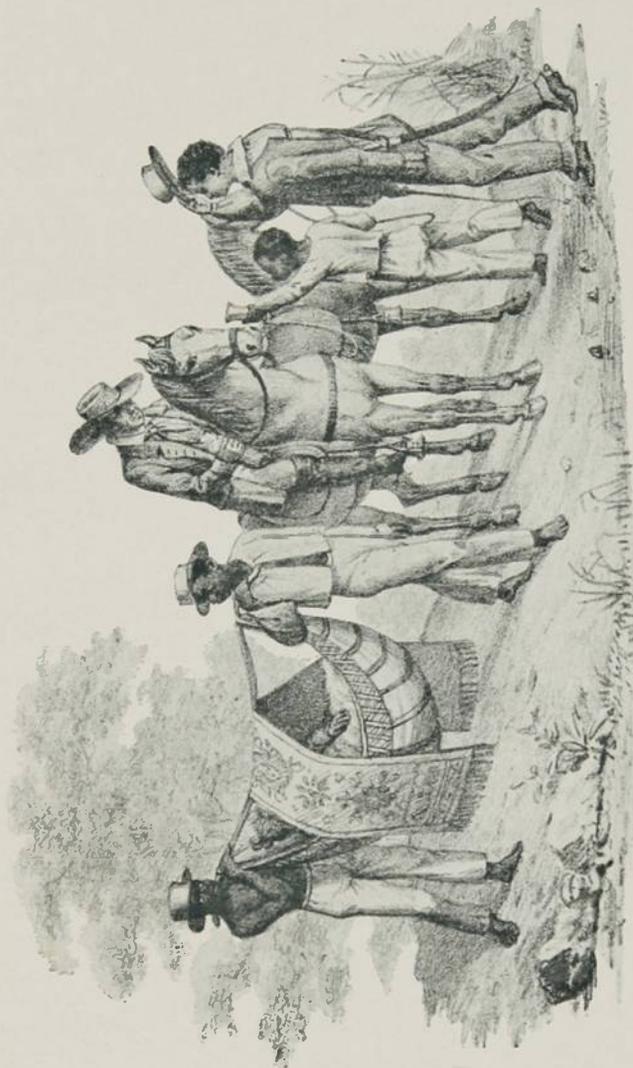
Mundrucú



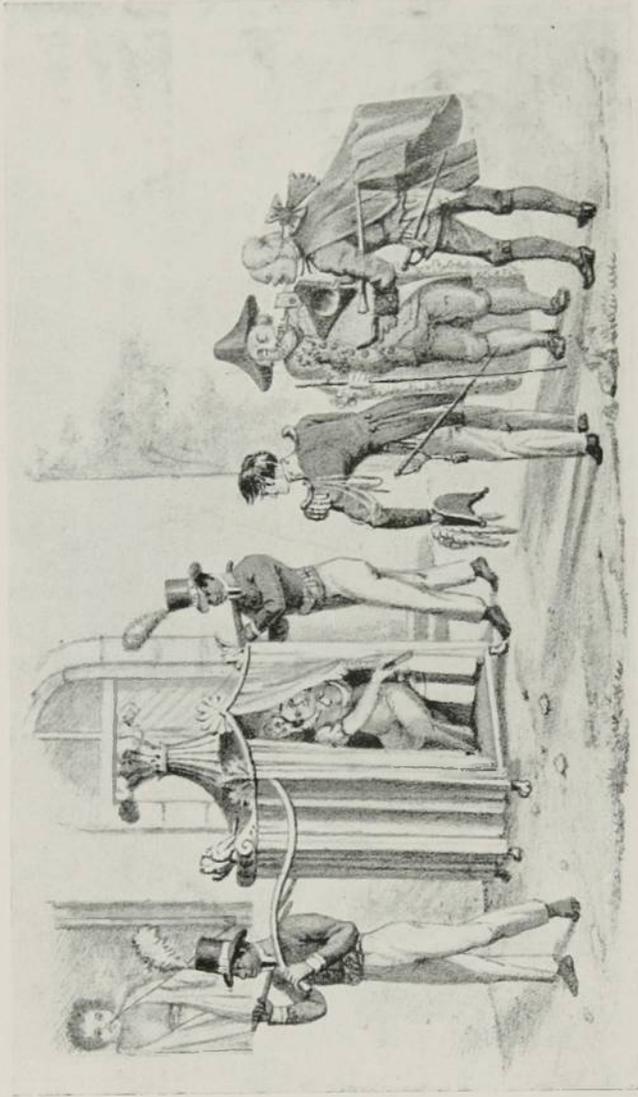
Uaimá



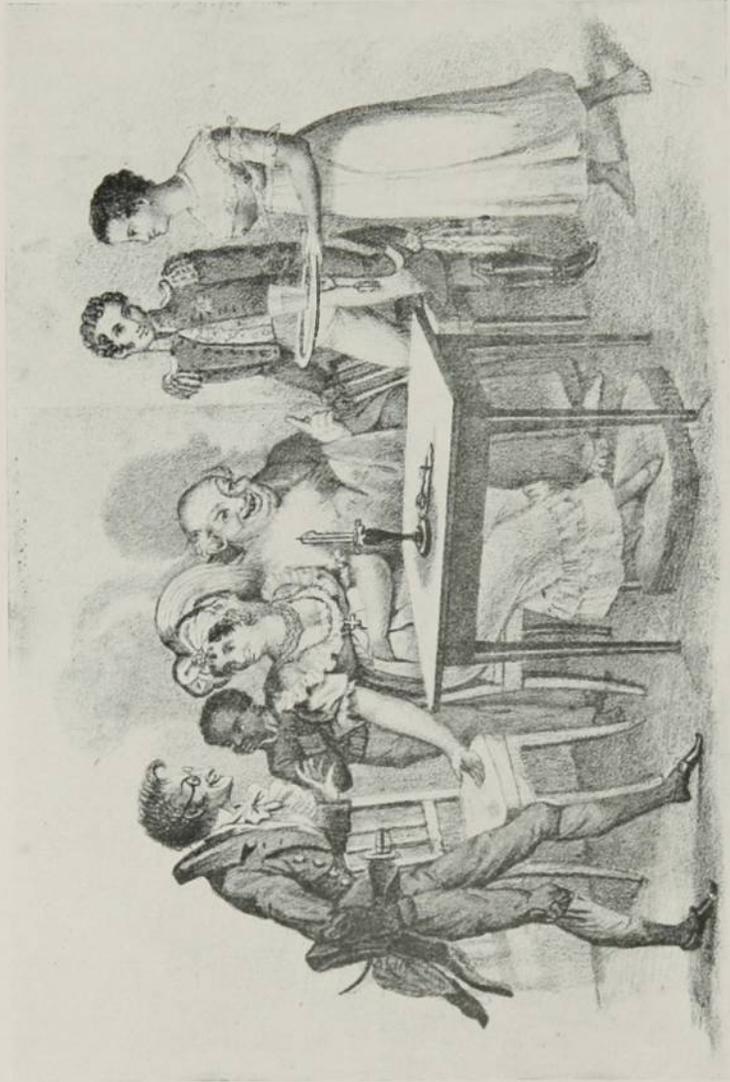
Purú-Purú



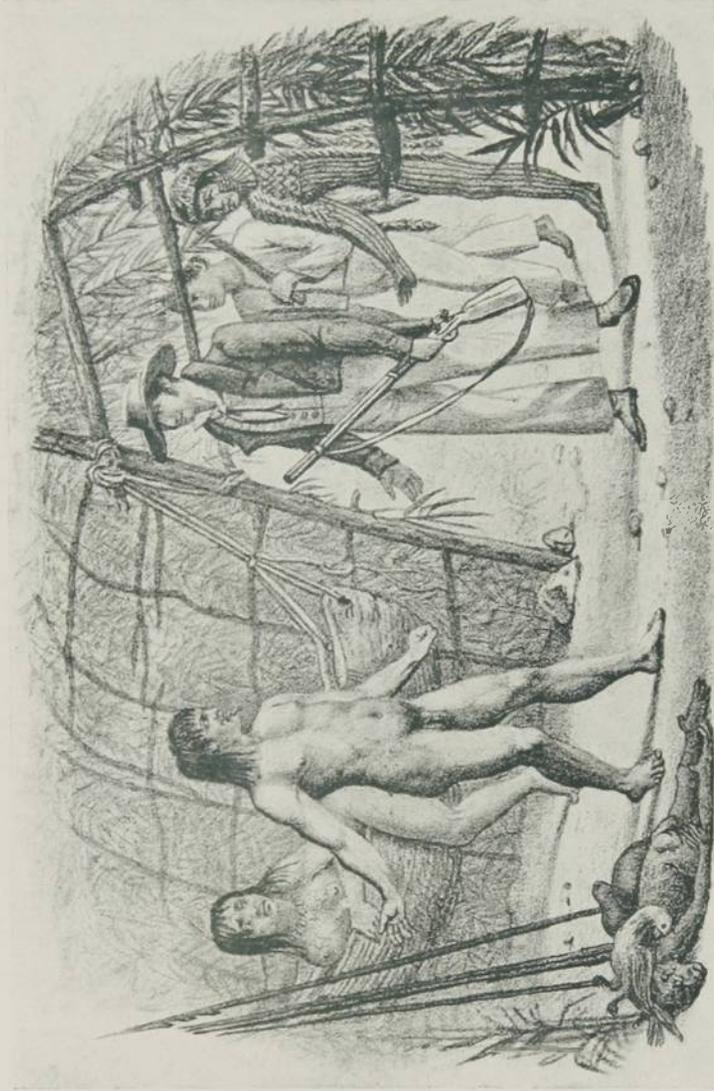
Sertanejo em viagem, no Piauí



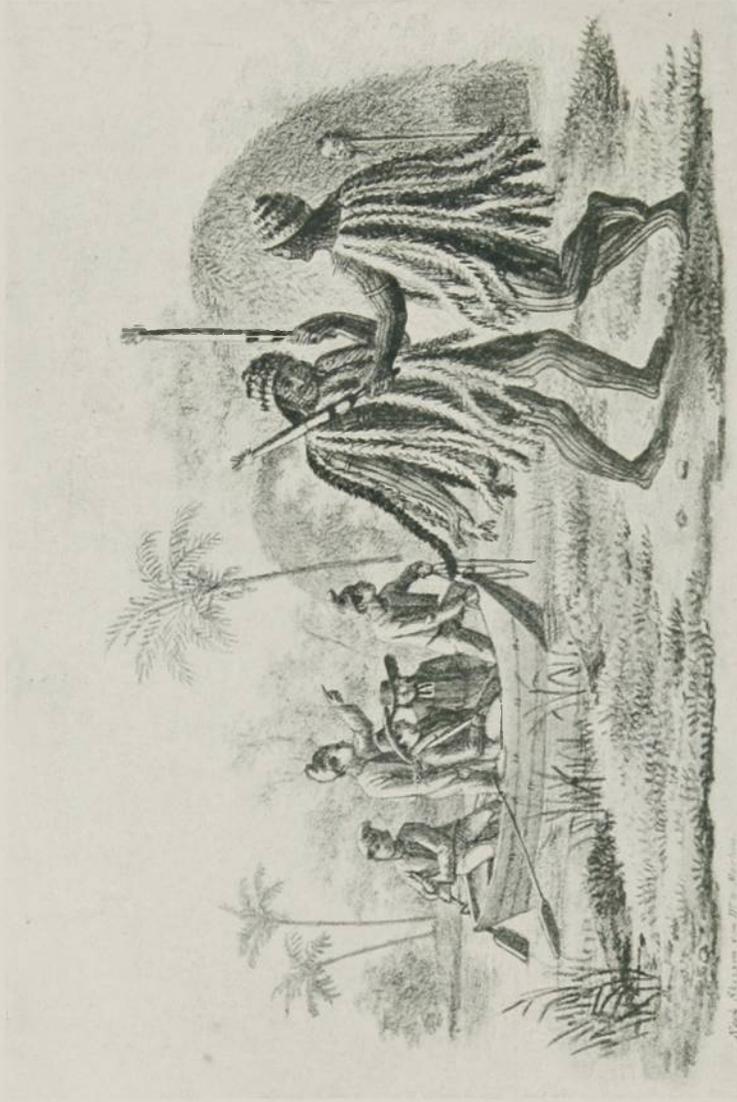
Na Baia



No Rio de Janeiro

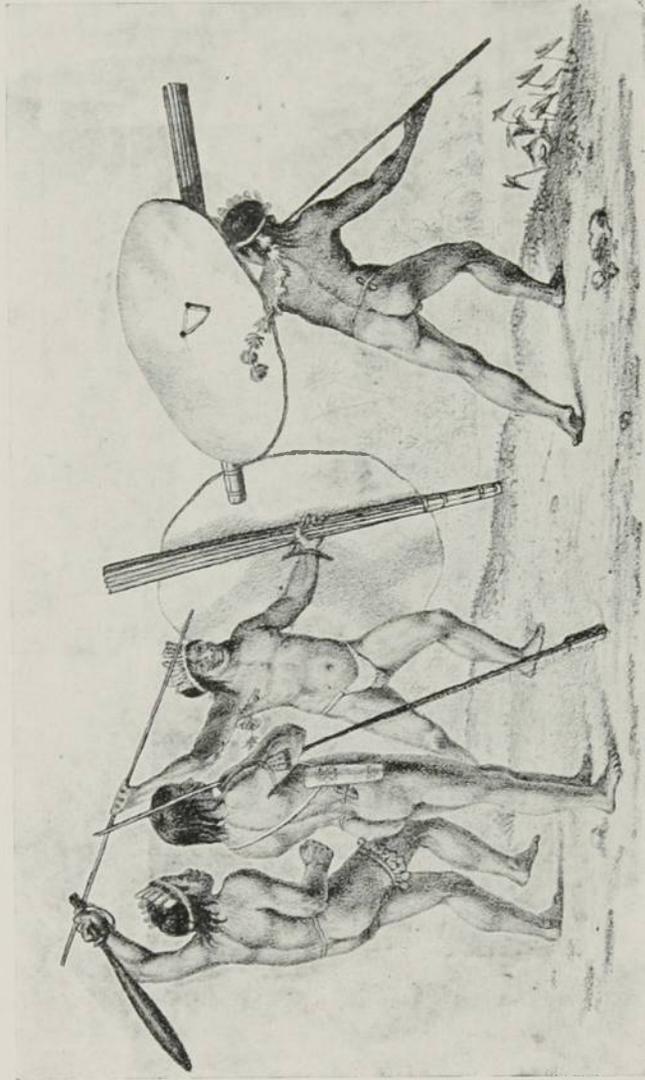


Vista no Mura

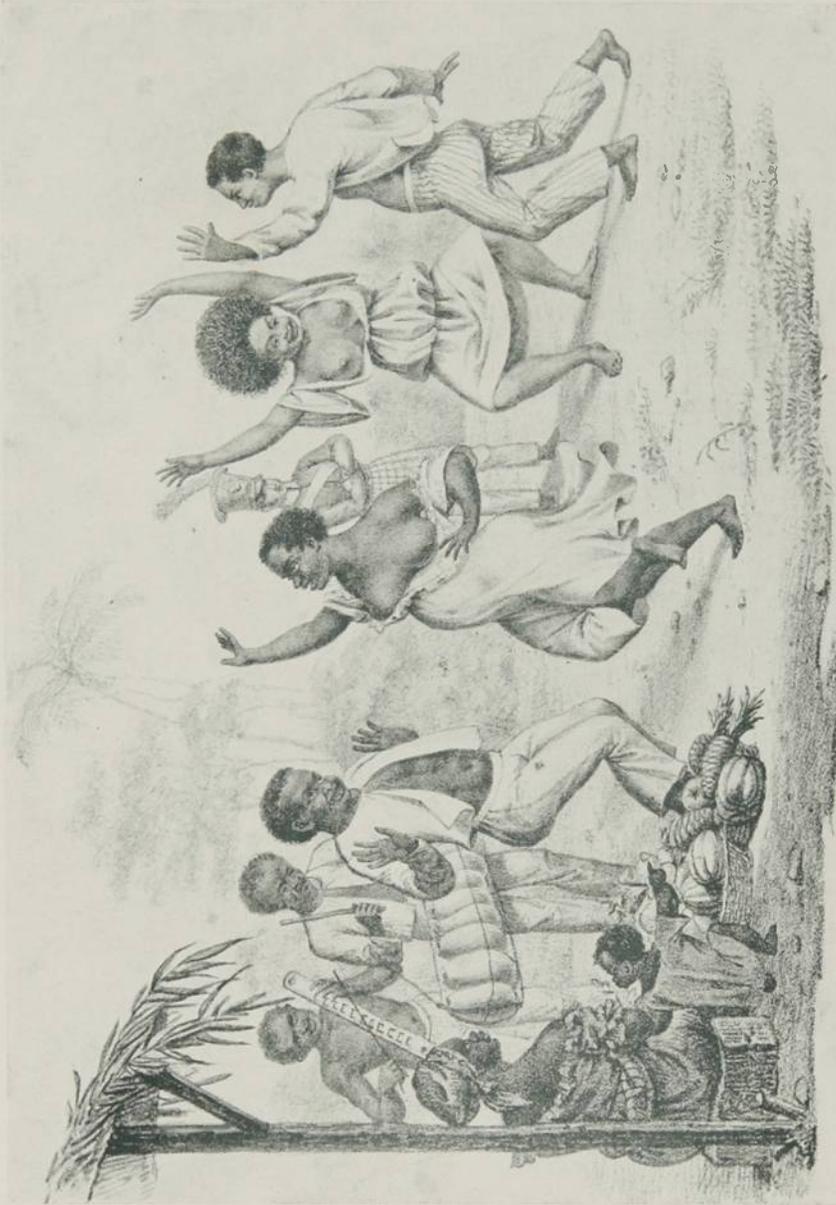


Visita aos Mundrucú

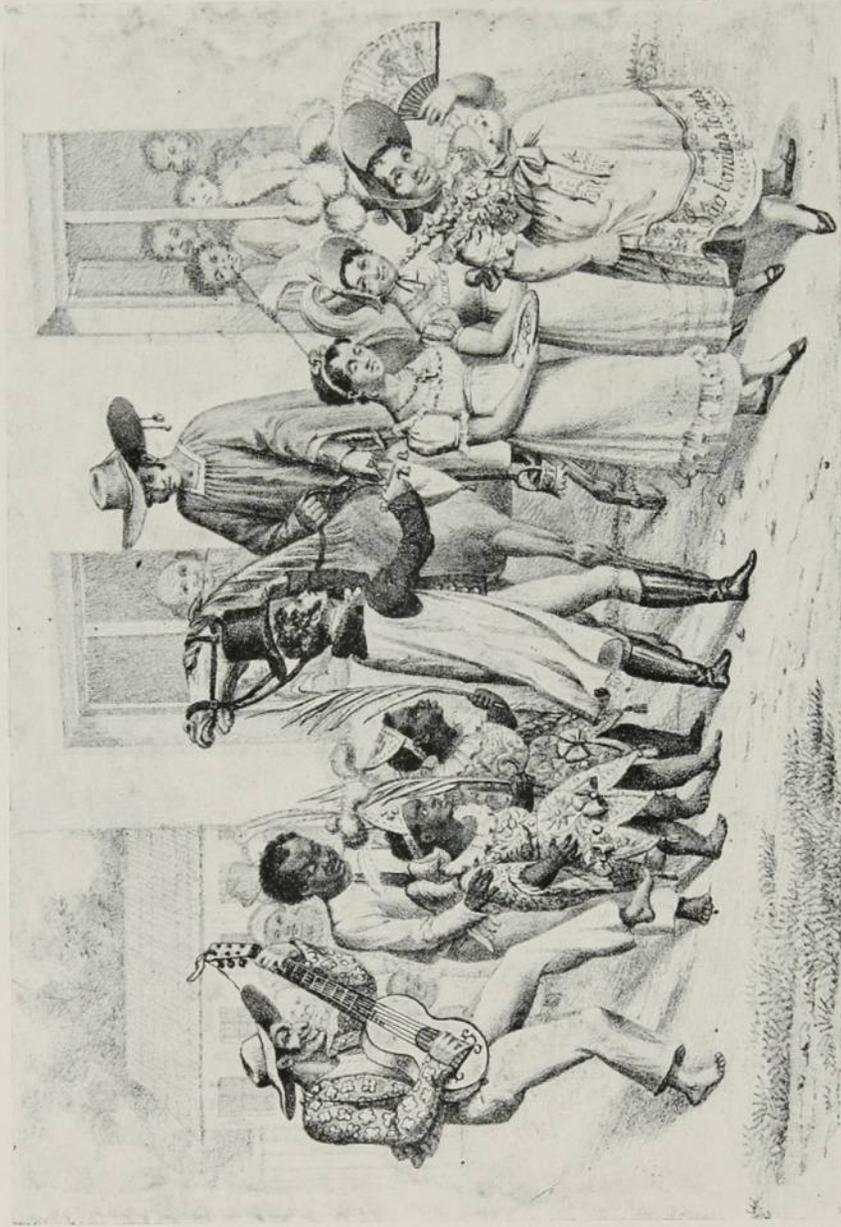
From *Nicaragua* by J. J. B. ...



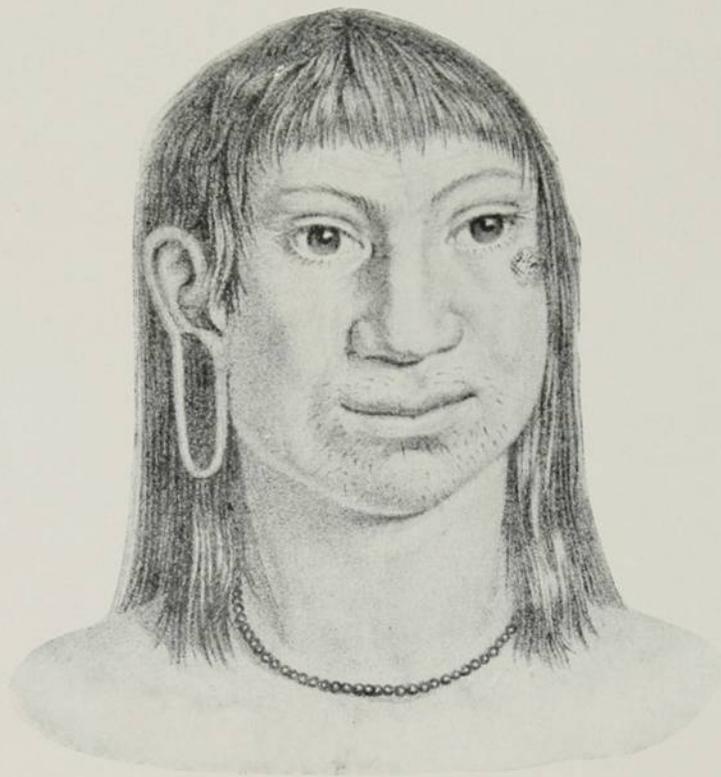
Dansa guerreira dos Juri



O "Batuque", em São Paulo



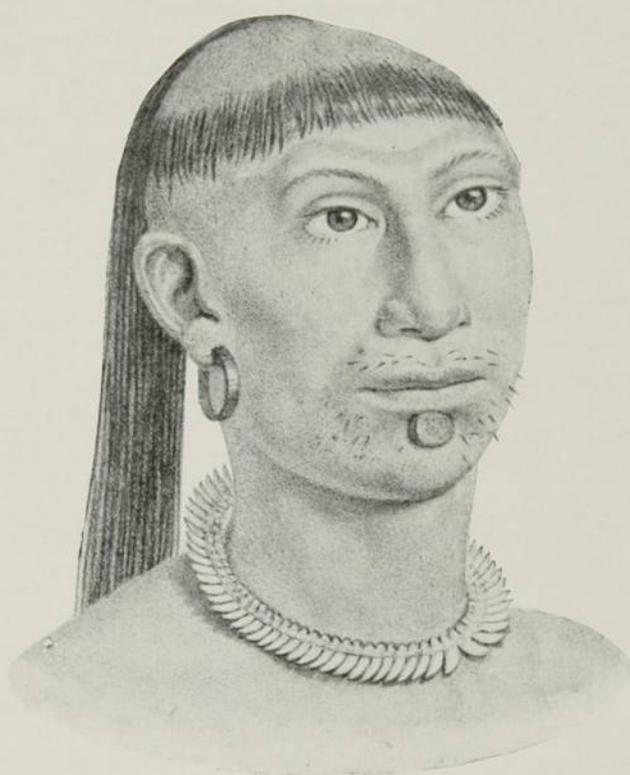
Festa da Rainha, em Minas



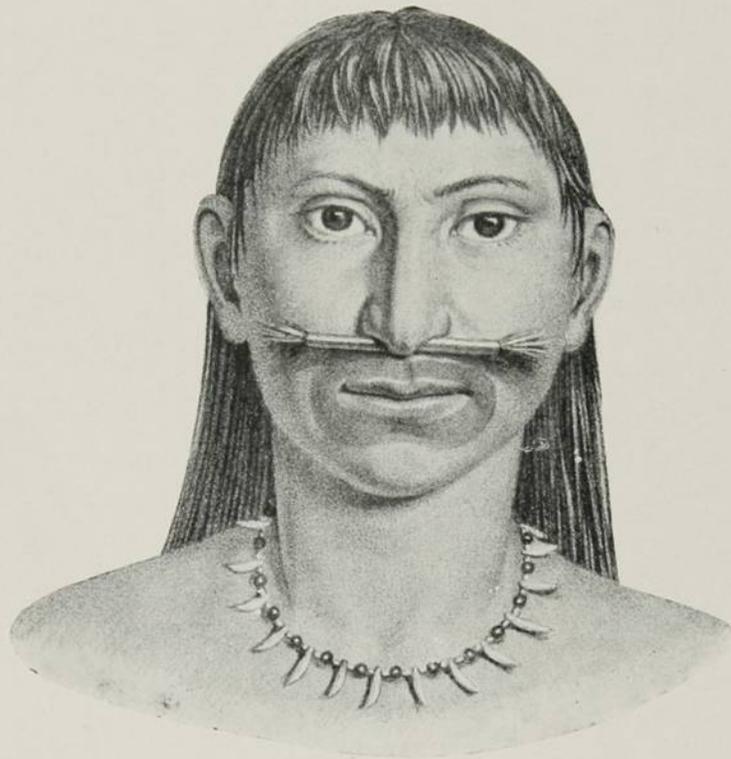
Aroaqui



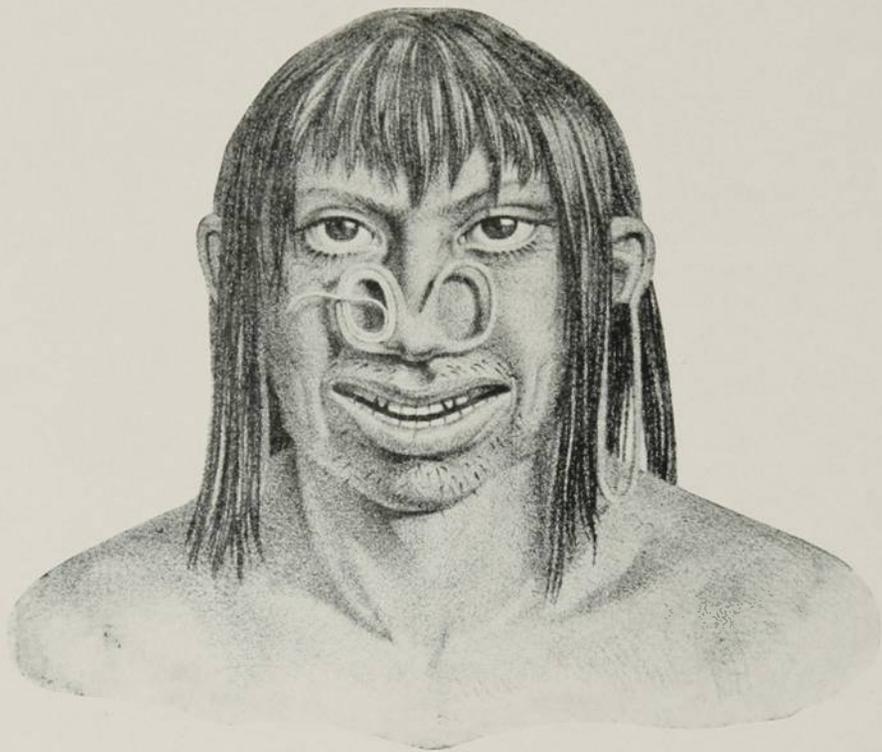
Cataunixi



Yupúá



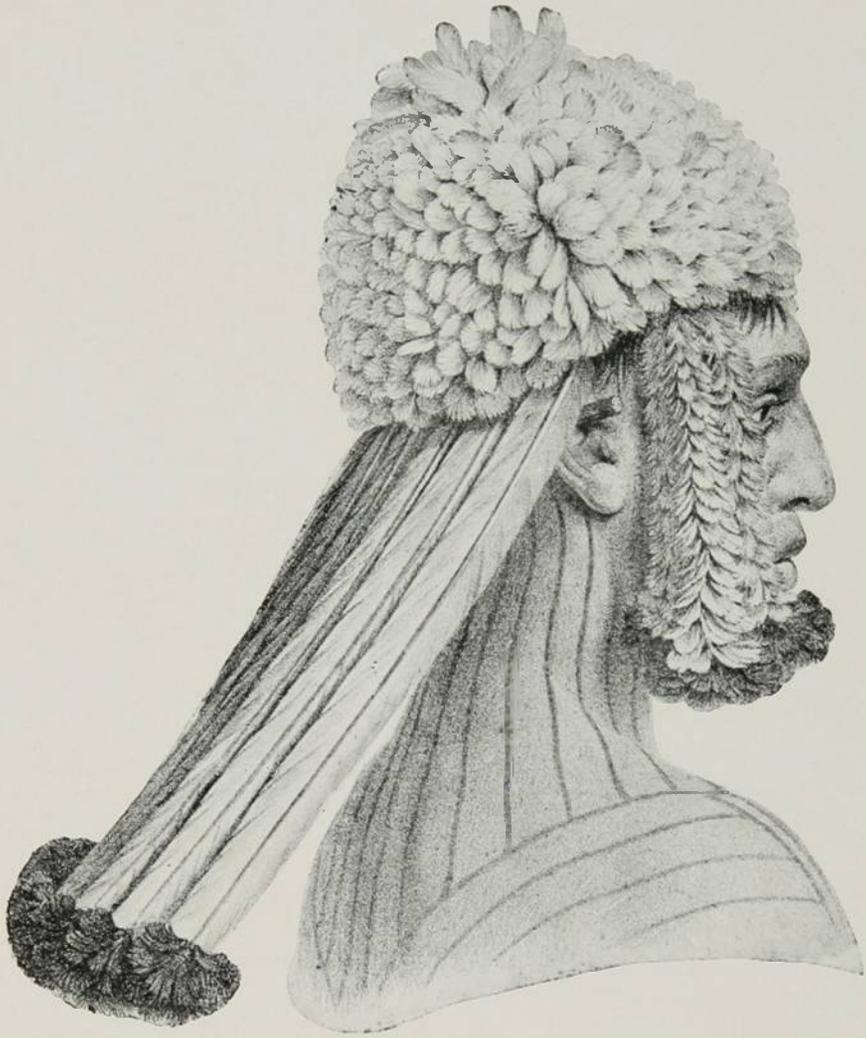
Arara



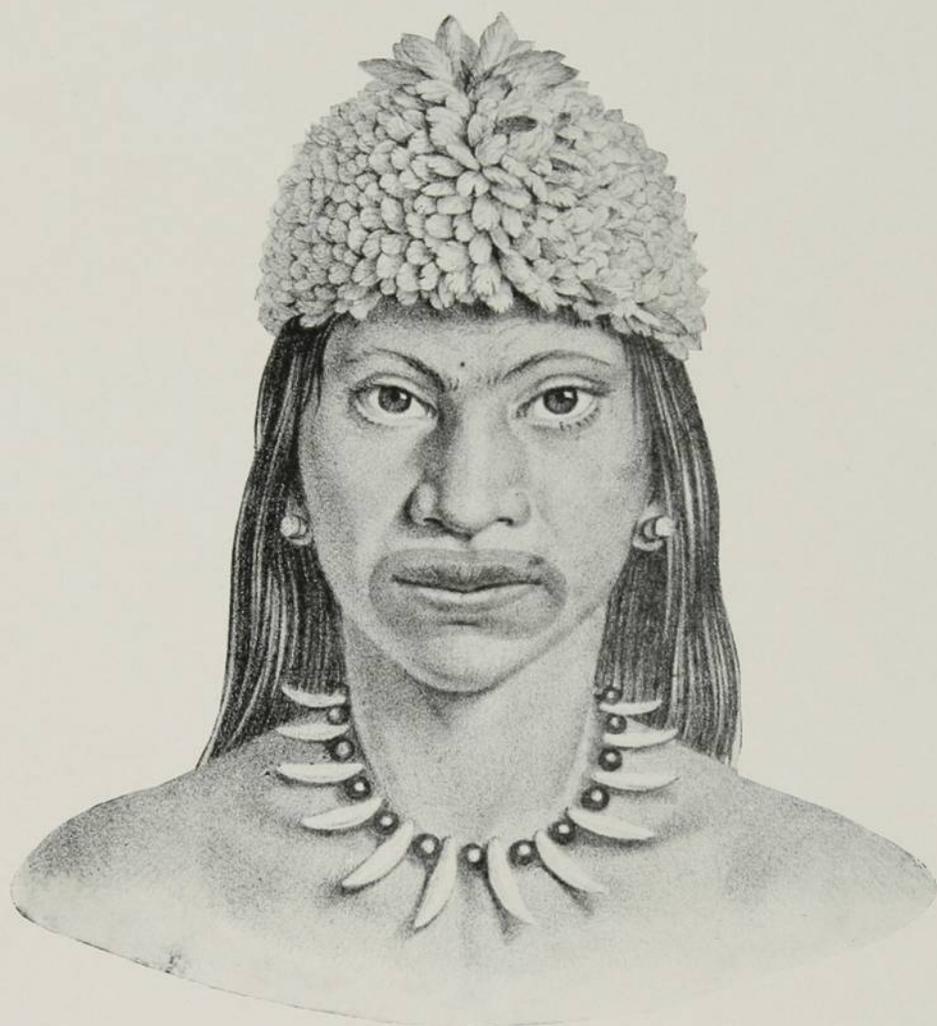
Miranha



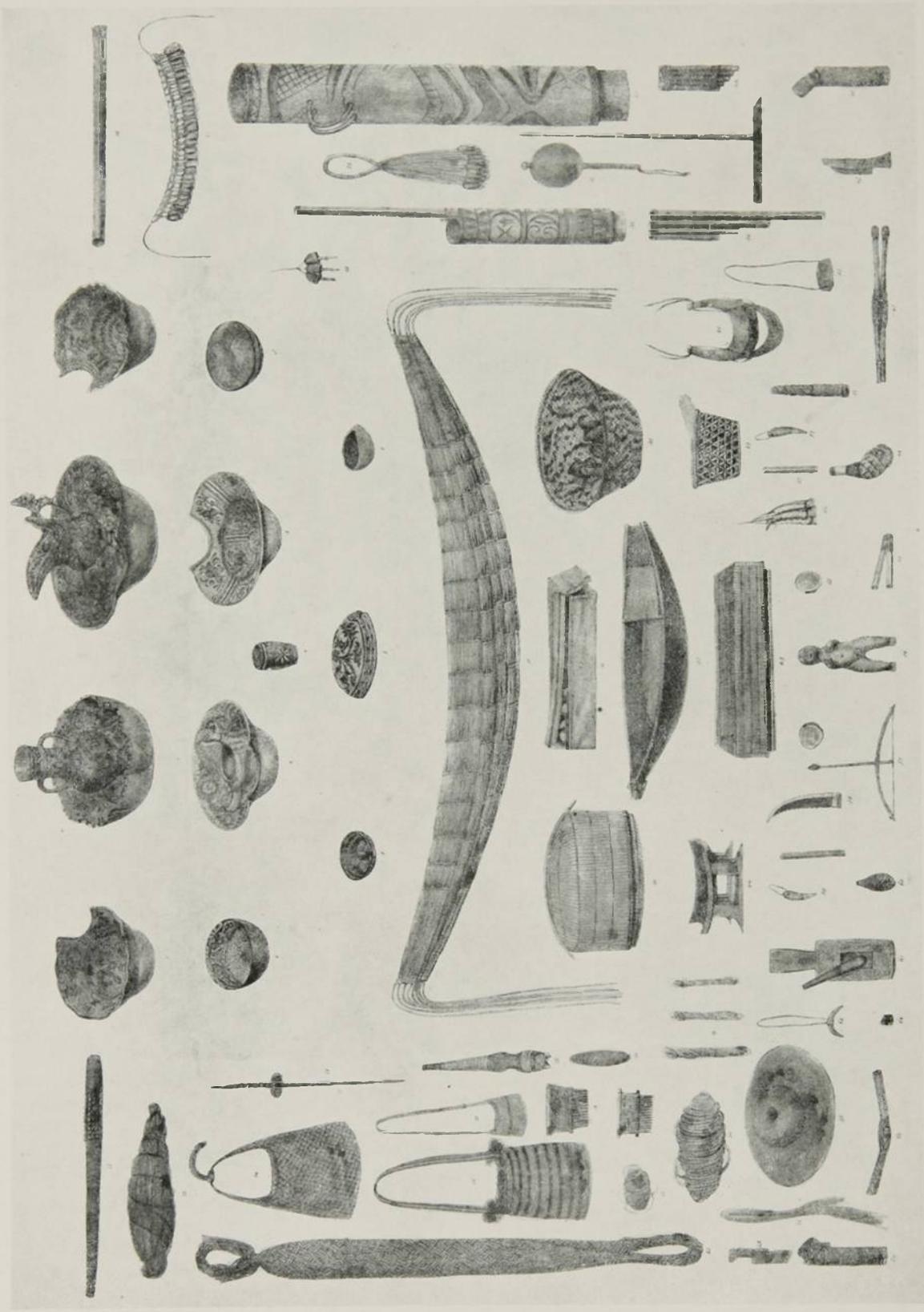
Mundrucú



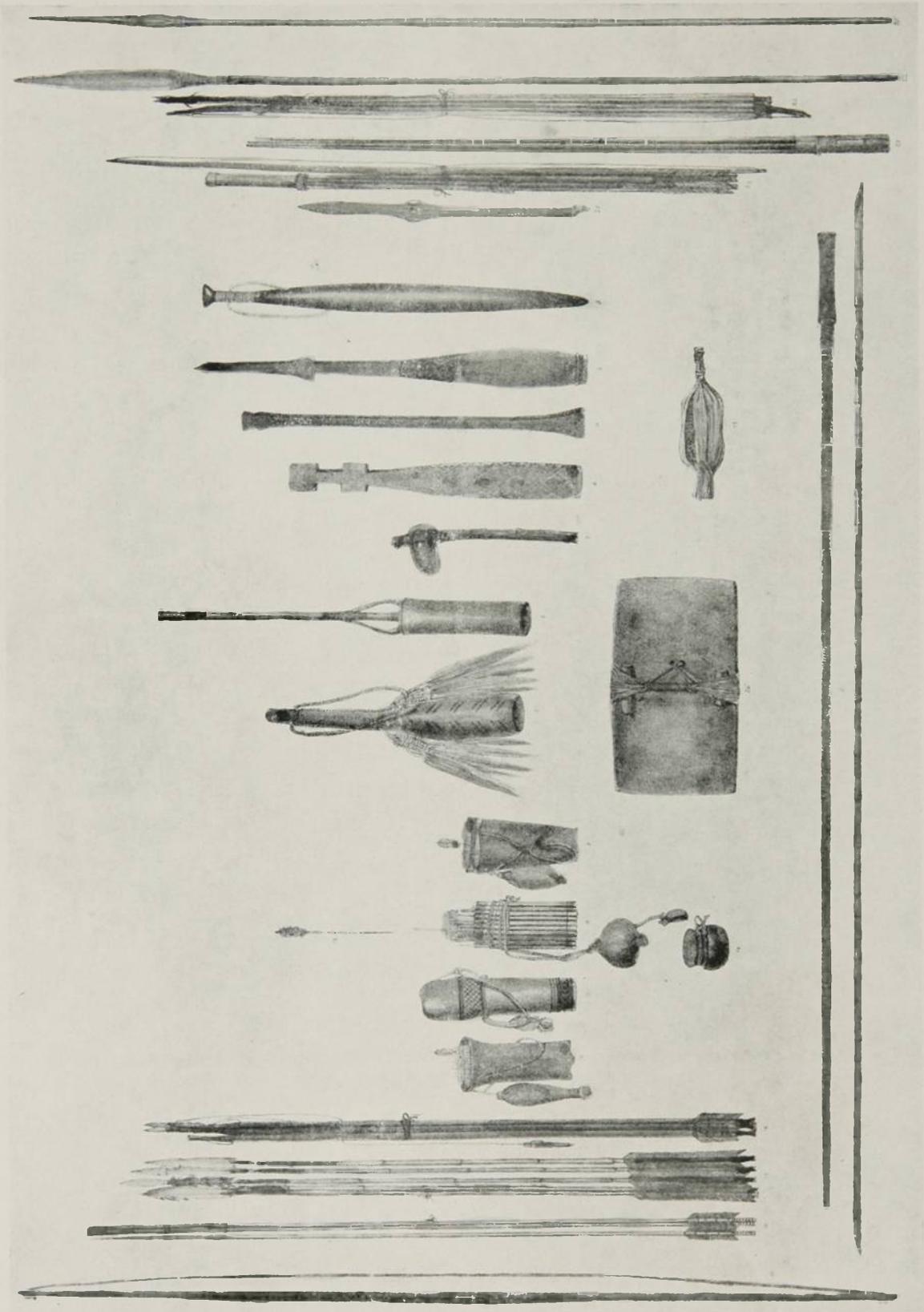
Mundrucú



Mauhé



Utensilios indígenas



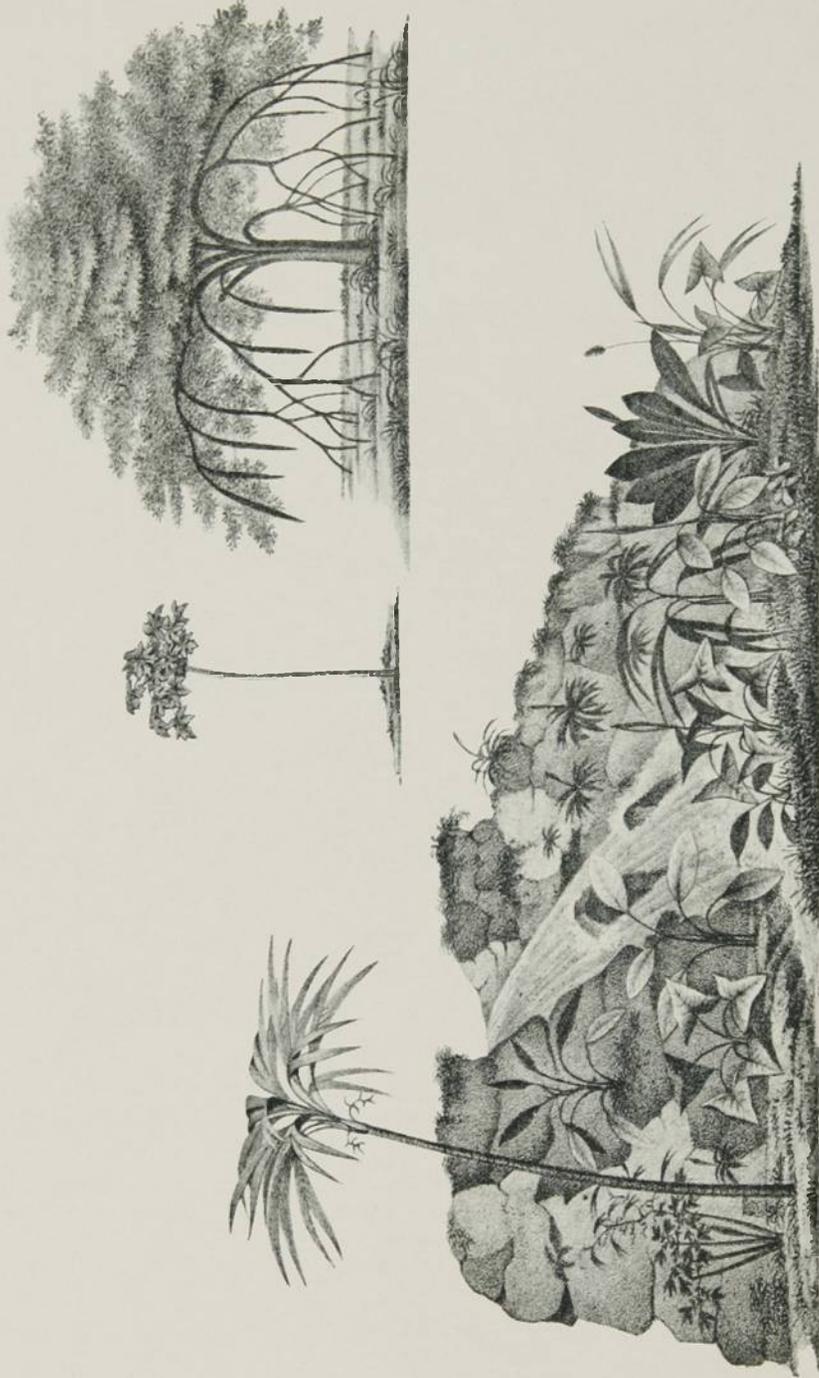
Armas indígenas



Formas animais da América Tropical



Formas vegetais da América tropical



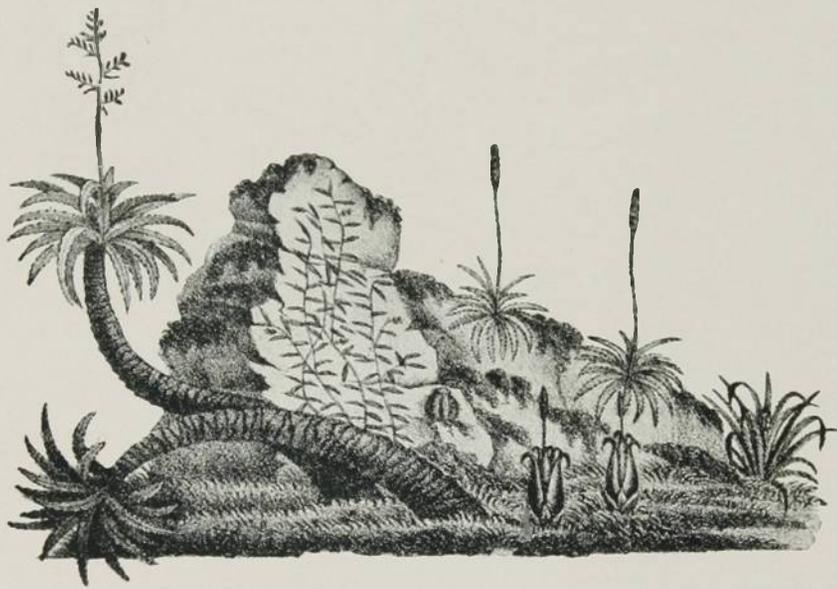
Formas vegetais da América tropical



VIII
Formas vegetais da América tropical



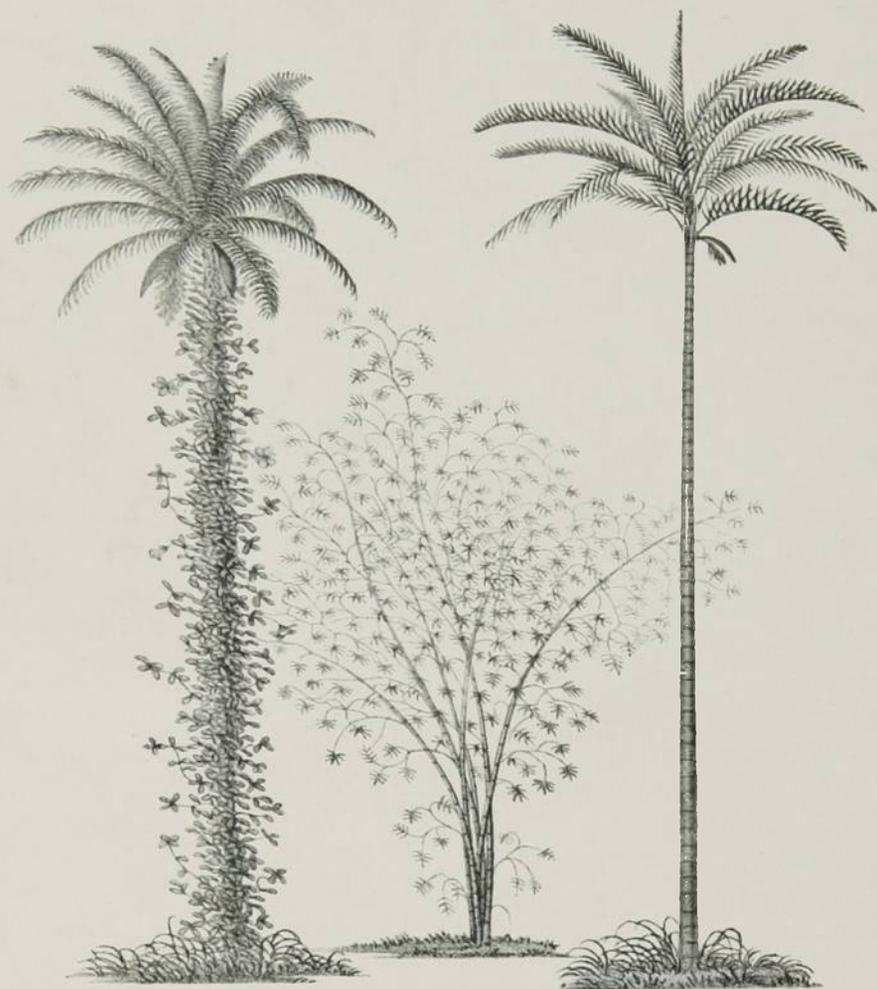
Formas vegetais da América tropical



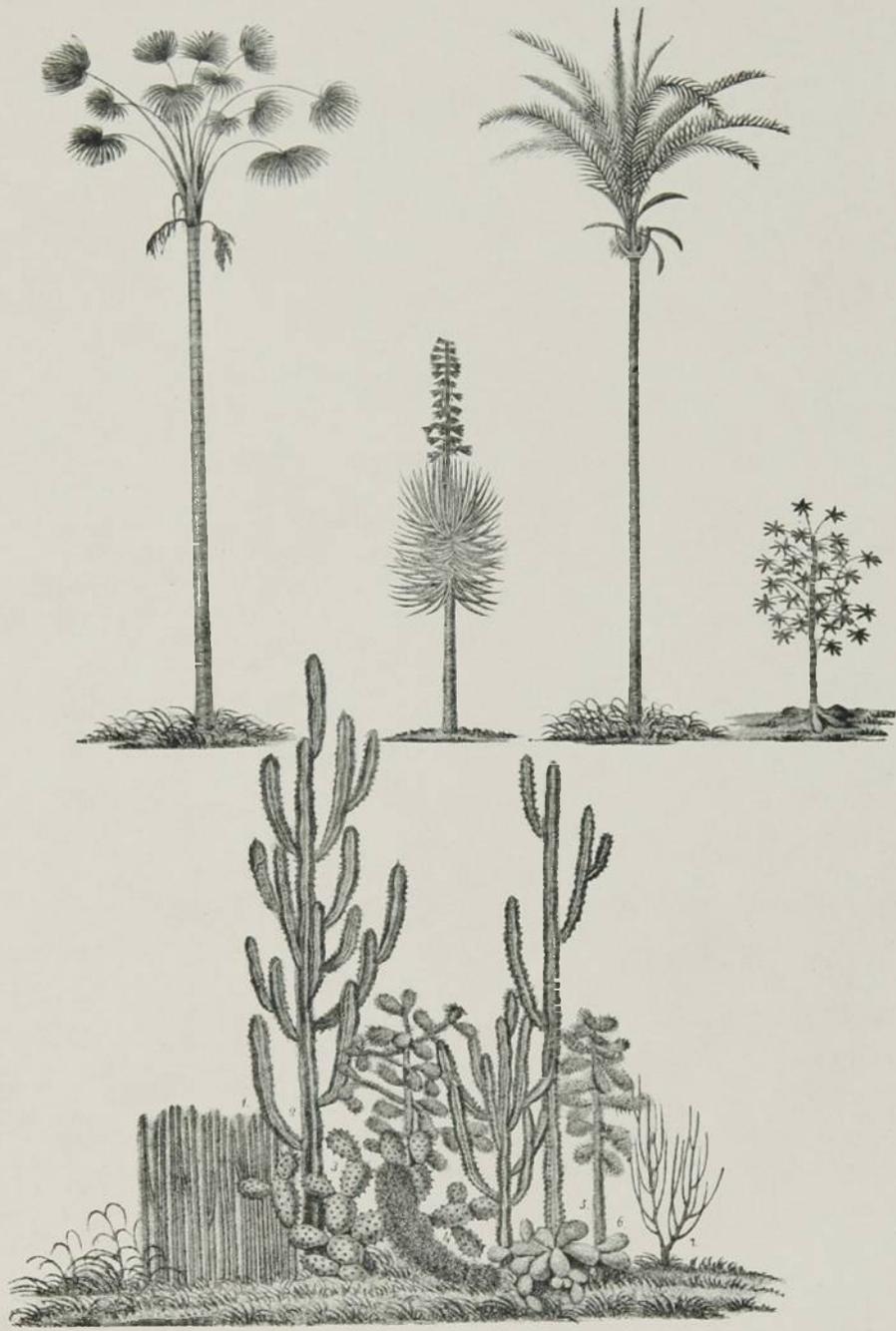
Formas vegetais da América tropical



Formas vegetais da América tropical



Formas vegetais da América tropical

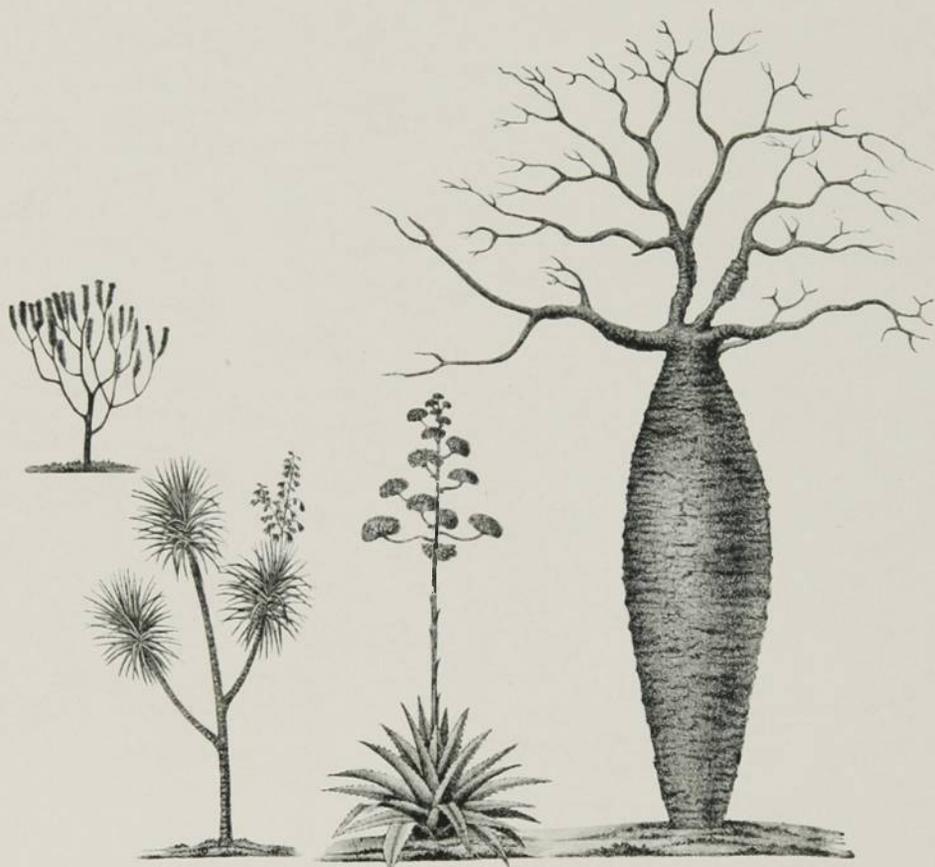


Formas vegetais da América tropical

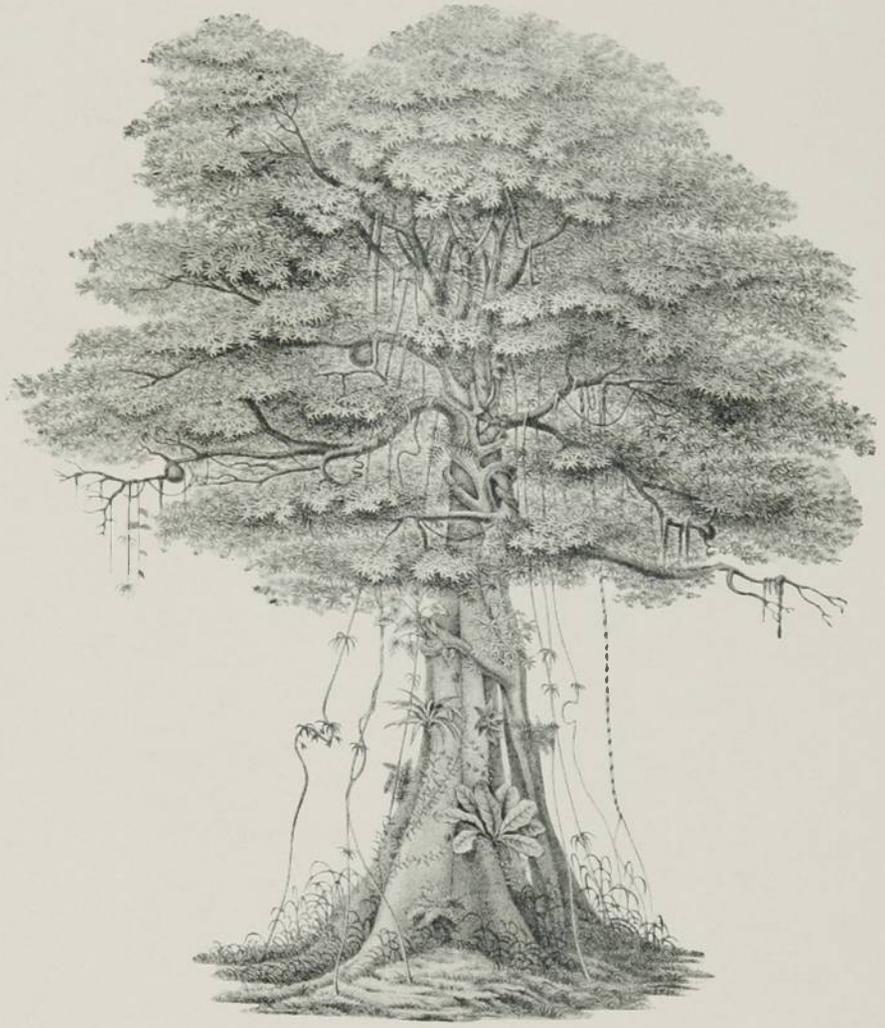


IX

Formas vegetais da América tropical



Formas vegetais da América tropical



Formas vegetais da América tropical



Formas vegetais da América tropical

